



**Programa de Pós-Graduação Lato Sensu**  
**Especialização Ciências Ambientais em Áreas Costeiras**  
**Campus Arraial do Cabo**

Lidiane Salgado de Souza

**MEMÓRIA E COTIDIANO:**

Do meio de vida pesqueiro Cabista às trabalhadoras e trabalhadores do mar

Arraial do Cabo - RJ

2018

Lidiane Salgado de Souza

**Memória e cotidiano:**

Do meio de vida pesqueiro Cabista às trabalhadoras e trabalhadores do mar

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de especialista em ciências ambientais em áreas costeiras.

Orientadora: Evelyn Morgan Monteiro

Arraial do Cabo - RJ

2018

Lidiane Salgado de Souza

**Memória e cotidiano:**

Do meio de vida pesqueiro Cabista às trabalhadoras e trabalhadores do mar

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de especialista em ciências ambientais em áreas costeiras.

Data de aprovação:

---

Profª Dra. Evelyn Morgan Monteiro  
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - IFRJ

---

Profª Dra. Maria Aparecida Gomes Ferreira  
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - IFRJ

---

Prf Dr. Omar Souza Nicolau  
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - IFRJ

---

Msc: Jefferson de Oliveira Vinco  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Arraial do Cabo - RJ

2018

Ao amigo Léo que carrego na memória.

## **Agradecimentos**

O processo de produção de um trabalho acadêmico não é fácil e, muitas vezes torna-se solitário, por isso, agradeço a todos que estiveram comigo dialogando, compartilhando idéias, refletindo junto e tornando esse caminho mais agradável. Nesse sentido muitas pessoas estiveram ao meu lado e de alguma forma me ajudaram a concluir esse trabalho.

Agradeço ao meu companheiro Pedro que sempre me incentivou a fluir na vida para os caminhos que eu desejei. Agradeço a Julia Maria pelas conversas incríveis sobre feminismo, e as mulheres do meu cotidiano; Lúcia, Amanda, Beatriz, Jane, Helena, e Neusa que sempre me deram muito carinho, além de contribuírem para a minha auto-estima ser verdadeiramente alta.

Agradeço aos meus amigos ruralinos; Carla, Ernane, Rose, Chalo, Ariane, e Jefferson eles ouviram minhas idéias, dialogaram muitas vezes comigo, cada um à sua maneira fez parte de um pedacinho do processo de produção do meu trabalho, é sempre muito bom poder conversar com eles.

Agradeço à professora Cida que me apresentou o seu Doque e sempre se mostrou disposta a me ajudar na elaboração deste trabalho, agradeço ao professor Omar que desde o princípio me ajudou a refletir sobre meu tema de pesquisa e as meninas da minha turma de pós-graduação que em muitos momentos foram amigas maravilhosas, em especial Adriane, Aline, Jucélia, Ana Carolina e Daiana.

Agradeço a professora Evelyn que construiu comigo este trabalho, foram muitos encontros cheios de alegria e entusiasmo. Sem dúvidas esse trabalho não seria o mesmo sem o suporte que ela me deu e críticas pertinentes que fez, a parceria foi um encontro de perspectivas que super casou.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever a (re)produção social da pesca, a partir da memória de pescadores que viveram em Arraial do Cabo, quando a mesma ainda era uma isolada vila bucólica. Para isso, utilizamos a história oral como metodologia de pesquisa, por identificá-la como um meio de pesquisa capaz de nos aproximar das testemunhas do tempo e do espaço, das relações construídas nos lugares e, da afetividade atribuída eles. Através de uma perspectiva material e simbólica, buscamos compreender as diferentes esferas do cotidiano ligado ao mar, à conjunção das características por nós identificadas substanciou aquilo que denominamos Meio de vida pescador Cabista; uma específica forma de se relacionar socialmente e com a natureza que possuía a prática da pesca como centralidade da vida cotidiana.

O mar tem muitos sentidos, e como tal, através das relações que a comunidade Cabista construiu com o mesmo, descrevemos a cultura, o saber, a arte, as práticas e resistências expressas no lugar. Esse contexto se observa tanto na atividade pesqueira que ocupava majoritariamente a população, até meados do século XX, quanto atualmente através das táticas de sobrevivência realizadas pelas trabalhadoras e trabalhadores do mar.

**Palavras-chave:** Memória. Pesca. Arraial do Cabo. Cotidiano. Costume.

## **ABSTRACT**

The present work aims to describe the social (re) production of fishing, from the memory of fishermen who lived in Arraial do Cabo, when it was still a isolated bucolic village. For this, we use oral history as a research methodology, to identify it as a means of research capable of bringing us closer to the witnesses of time and space, the relationships built in the places, and the affectivity attributed to them. From a material and symbolic perspective, we seek to understand the different spheres of the daily life connected to the sea, to the conjunction of the characteristics identified by us, which substantiated what we call the Cabista fishing life; a specific way of relating socially and the nature that had the practice of fishing as the centrality of everyday life.

The sea has many senses, and as such, through the relationships that the Cabista community has built with it, we describe the culture, the knowledge, the art, the practices and resistances expressed in the place. This context is observed both in the fishing activity that occupied the population mainly until the middle of the 20th century, and nowadays through the survival tactics carried out by the workers and sea workers.

**Keywords:** Memory. Fishing. Arraial do Cabo. Daily. Custom.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Placa bem-vindo .....	10
Imagem 2: Mapa da RESEXMAR .....	56
Imagem 3: Cadastro Obrigatório para o pescador .....	60
Imagem 4: Reunião do conselho deliberativo da RESEXMAR .....	61
Imagem 5: Seu Doque fazendo rede de lula .....	65
Imagem 6: Museu Mestre Chonca .....	66
Imagem 7: Mestre Chonca .....	66
Imagem 8: Cooperativa de Mulheres Nativas .....	67
Imagem 9: Beneficiamento do pescado .....	67
Imagem 10: Beneficiamento do pescado através da salga .....	68
Imagem 11: Produção de artesanato com elementos que vem do mar .....	68

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABTBPA	Associação de Barqueiros Tradicionais da Beira da Praia dos Anjos
ACRIMAC/RJ	Associação dos Coletores e Criadores de Mariscos de Arraial do Cabo
AMAREC	Associação de Moradores e Amigos da Restinga dos Clubes e Caiçara
APAC	Associação dos Pescadores de Arraial do Cabo
APAPP	Associação de Pescadores e Amigos da Praia do pontal
APATAC	Associação de Pescadores Artesanais de Traineiras de Arraial do Cabo
APESCAC	Associação de Pescadores em Caíco de Arraial do Cabo
APESCARPA	Associação de Pescadores Artesanais de Canoa de Rede da Praia dos Anjos
AREMAC	Associação da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo
ATAC	Associação de Turismo de Arraial do Cabo
ATURNAC	Associação de Turismo Náutico de Arraial do Cabo
AVPTBA	Associação de Verdadeiros Pescadores e Turismo de Bocas Abertas do Município de Arraial do Cabo
CNA	Companhia Nacional de Álcalis
COMAP	Companhia Municipal de Administração Portuária
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.
ICMBio	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
INEA	Instituto Estadual do Ambiente
RESEXMAR	Reserva Extrativista Marinha
UEPAR/RJ	União das Entidades de Pesca e Aquicultura do estado do Rio de Janeiro -

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1 MEMÓRIAS SOBRE O MEIO DE VIDA PESQUEIRO DO CABO.....</b>	<b>14</b>
1.1 O isolamento e os limites da segregação espacial.....	16
1.2 O costume da salga e a existência das mulheres.....	19
1.3 Os saberes cabista.....	22
1.4 A metafísica compartilhada no cotidiano e a rusticidade da vida.....	26
<b>2 A PESCARIA CABISTA.....</b>	<b>33</b>
2.1 A materialidade da pesca.....	34
2.2 O espírito da companha .....	38
2.3 Território da pesca.....	42
2.4 Nuances na pescaria, nuances no meio de vida.....	45
2.5 A ruptura com o meio de vida pesqueiro e a continuidade da pesca.....	50
<b>3 COTIDIANO PESQUEIRO: CONFLITOS E RESISTÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>
3.1 Notas sobre a RESEXMAR e a organização dos usos do território da pesca .....	53
3.2 As trabalhadoras e trabalhadores do mar: Cotidiano e resistência.....	63
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>71</b>

# INTRODUÇÃO

## Memória e Cotidiano:

Do meio de vida pesqueiro Cabista às trabalhadoras e trabalhadores do mar

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento. ... porque é afetiva e mágica a memória não se acomoda a detalhes que a confrontam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas. (NORA, 1993 p.9)

Arraial do Cabo é um dos municípios que compõe a Região dos Lagos. A cidade está localizada no Estado do Rio de Janeiro, conhecida por sua beleza cênica, tornou-se um destino requisitado por muito turistas. Ganhou da mídia o título de “capital do mergulho” e Caribe brasileiro, devido a seus atributos naturais; praias de águas cristalinas que reluzem a cor azul turquesa e a grande oferta e variação de peixes. As grandes faixas de areias branquíssimas e a restinga<sup>1</sup> que atravessa toda a cidade, somadas a beleza do mar, personificam paisagens<sup>2</sup> paradisíacas que fascinam quem as visita.

Além do visual que a natureza local expressa, o lugar possui uma diversa riqueza histórica e cultural fruto de sua formação territorial. Originalmente lar de algumas comunidades nômades e posteriormente do grupo indígena conhecido como Tamoios, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) estima uma população de 25 à 75 mil habitantes na região antes das invasões européias. Diferentes dos primeiros grupos nômades, os Tamoios eram grandes canoeiros, existiam centenas de canoas dispersas nas lagoas e enseadas da região. Embora essa comunidade indígena tenha sido aniquilada em massa pelos invasores europeus, é ela que inicia o cultivo do mar na vila do Arraial do Cabo (HANSSEN, p.54 1988).

Prado (2002) relata que os séculos XVI e XVIII foram tomados por pirataria e genocídio indígena encabeçados pelos colonizadores, desta “empreitada civilizatória” temos o Cabista; o nativo com descendência européia, africana e indígena. A comunidade pesqueira que vivia no Cabo até o meados do século XX era

---

<sup>1</sup> Ecossistema que se desenvolve próximo ao mar e possui íntima relação com os fatores climáticos, apresenta vegetação arbustiva e herbácea, alguns exemplos de fauna específicos; formigueiro do litoral, sabiá da praia e lagarto branco. Como flora podemos encontrar; aroeira, arumbé e pitanga.

<sup>2</sup> Conceito geográfico que trata de um dado conjunto de elementos contidos no espaço que podem ser acessados pelos sentidos.

especializada no cultivo do mar. Suas práticas materiais ligadas à pesca configuravam uma arte delicada, pois construíam com suas próprias mãos todo o aparato técnico usado na pescaria. Ou seja, em uma perspectiva da materialidade histórica, Arraial do Cabo tem raízes profundas na cultura da pesca.

Quando cruzamos o limite entre as cidades de Arraial do Cabo e Cabo Frio, que se localiza próximo à praia do foguete, nos deparamos com uma placa que diz: Arraial do Cabo, capital do mergulho. Se escrevermos Arraial do Cabo em sites de busca, todos os pontos de interesse expostos através do Google mapas são praias. A mesma coisa acontece se pesquisarmos as imagens e vídeos.



Imagem 1: Placa bem-vindo. Foto realizada por Daiana Martins

O conceito de lugar é muito utilizado na geografia humanística. Indo ao encontro dessa corrente de pensamento, entendemos que o lugar é um conceito definido a partir das relações de afetividade. É caracterizado pelas emoções e sentimentos atribuídos a ele (CAVALCANTE, 2003). Em outras palavras, o lugar é o pedaço do mundo onde os sentidos se realizam e, nos sentimos em casa, por isso, quando utilizamos o conceito de lugar estamos falando de espaço vivido, experienciado pelos sujeitos.

Passando-se um tempo mais prolongado em Arraial, parando-se em padarias, papelarias, mercados, ou se ouvindo conversas soltas pela rua, inevitavelmente se perceberá que o assunto, no mais das vezes, é sobre as pescarias: o que apareceu no dia, o “lance de sorte”, o “fracasso” numa “puxada de rede”, acidentes com barcos ou pescadores ou, ainda, sobre os documentos necessários para o seguro-defeso e outros. Constata-se, assim, somando-se estas a outras evidências empíricas resultantes da pesquisa, que a maior parte da população local está envolvida ou depende economicamente, direta ou indiretamente, com e da pesca. (SAMPAIO, 2006 p.77)

Imputar à exploração dos atributos naturais da cidade de Arraial do Cabo pelo turismo como identidade do lugar é artificializar através dos interesses econômicos a realidade vivida por aqueles que pertencem ao lugar. De fato, basta um mínimo contato com os moradores locais e um olhar mais detalhista, para observar os elementos objetivos da pesca, a rememoração de momentos atrelados à pesca e o próprio cotidiano altamente associado às práticas de pesca, as atividades ligadas ao mar e a toda a subjetividade que, como a maresia, vem e se torna presente nos arredores da cidade.

No contato sensível com a comunidade local, as relações com o lugar são percebidas. Por isso, utilizamos a história oral como metodologia de pesquisa. A mesma é bastante eficaz para nos aproximar das experiências vividas nos lugares ao permitir que acessemos as emoções das testemunhas do tempo e do espaço. Sendo assim, entrevistamos inicialmente dois pescadores anciãos que viveram no Cabo quando o mesmo ainda isolado geograficamente era uma modesta vila de chão terra e possuía aproximadamente 2.000 habitantes (PRADO, 2002 p.60), também entrevistamos um pescador mais jovem, que pesca atualmente na Prainha.

Os depoimentos desses pescadores trouxeram elementos e questões cujo nos aprofundamos no decorrer da pesquisa. Sobre a metodologia de pesquisa adotada podemos dizer que; "...a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam os depoimentos como atenção central dos estudos. Trata-se de focalizar as entrevistas como ponto central das análises" (MEIHY, 2005 p.31 ). Nesse sentido, nossas análises foram ganhando "corpo" de acordo com as memórias expressas pelos pescadores, através do relato de suas vivências no Cabo e na pescaria.

O presente trabalho se constrói, assim, em grande parte, como um trabalho sobre a memória da pesca. Majoritariamente priorizamos os depoimentos dos pescadores entrevistados, e, entendemos que, suas percepções expressas sobre o assunto da pesquisa são fruto de suas experiências pessoais, da maneira individual que constroem suas visões de mundo, da realidade.

O depoimento é uma técnica utilizada pela história oral para a obtenção de declarações de um sujeito sobre algum acontecimento do qual ele tenha tomado parte, ou que ele tenha testemunhado. No entanto, quando se faz o registro e a posterior análise do depoimento, deve-se levar em conta as disposições que o entrevistado quis manifestar por intermédio de suas declarações, pois o que emerge dos depoimentos não pode ser entendido nem como uma reprodução da realidade, nem como uma contrafação dela. Ao contrário, trata-se de uma construção que cada indivíduo elabora a partir de uma realidade cognoscível. Nesse sentido, os depoimentos permitem acesso a uma realidade demarcada pelas vivências de cada entrevistado. Tal situação manifesta-se na seletividade das experiências e dos espaços envolvidos nas lembranças narradas, que

só podem ser interpretadas se relacionadas à vida do indivíduo entrevistado. (SANTOS, 2000 p. 6)

As entrevistas foram realizadas nas casas dos pescadores entrevistados. No primeiro encontro, preferimos apenas ouvir os pescadores a fim de deixá-los livres para expressar suas percepções e nos conhecer. Nos encontros seguintes, seguimos com um roteiro semi-estruturado de perguntas, mas, sempre deixando espaço para que os entrevistados pudessem rememorar sobre o Cabo e sobre a pesca aquilo que achavam mais importante de acordo com suas experiências.

Nesse quadro onde ouvíamos mais do que perguntávamos, nossos entrevistados foram construindo tramas, pinçando do todo vivido momentos que, para eles eram importantes de serem lembrados e compartilhados conosco. Sobre a construção dessa trama podemos entender que;

Formalmente, ela é a maneira pela qual o entrevistado organiza seu depoimento, sendo percebida pelo encadeamento dos episódios. No entanto, embora os depoimentos possam estar orientados pelo investigador/roteiro, por que um deles irá destacar certas referências diferentemente de outro? Por que, para um entrevistado, é importante tal motivo e para outro, um diferente? A trama pode ser entendida, então, como se assemelhando à imagem que uma peça de tecido oferece: dada uma urdidura – o conjunto de referências possíveis (o arcabouço de uma memória coletiva) –, cada entrevistado tece o seu depoimento pessoal deixando sobressair alguns fios e escondendo outros. A trama identifica a disposição pessoal do entrevistado, que está relacionada à sua percepção do real. Uma percepção orientada por valores sócio-culturais e que individualiza um depoimento em relação a outros, ainda que sejam construídos em torno de um mesmo tema. Esses valores individuais manifestam-se pela intenção de cada entrevistado em destacar certos aspectos, e não outros, no contexto possível de ser construído a partir de um conjunto de lembranças. (SANTOS, 2000 p.8)

Sendo assim, para compreender o cotidiano vivido no Cabo, nos debruçamos sobre as memórias dos pescadores entrevistados, sobre a trama construída por eles a partir de seus depoimentos. Diante da aproximação que a história oral promove com o lugar, e com o cotidiano, através da rememoração de um contexto específico vivido no passado, vislumbramos uma paisagem da história, passeamos pelo “Arraial antigo”, sentimos saudades e nostalgia.

Esse contato com as lembranças dos pescadores Cabistas nos ajudou a construir o primeiro capítulo, onde apropriamo-nos da reflexão sobre o cotidiano, que, altamente atravessado pela pesca, se desenrolava próximo do meio de vida caipira definido pelo sociólogo Antônio Cândido em *os parceiros do Rio Bonito*. E, por isso, através das fontes consultadas em relação ao cotidiano vivido no Cabo até a década de 50 aproximadamente, denominamos o conjunto de características culturais

observadas por, meio de vida pesqueiro Cabista. Nesse capítulo, os costumes que, como motor e volante (HOBBSAWNM, 2012), direcionavam as práticas do dia-a-dia aparecem com mais força a fim justamente de expressar a pesca como centralidade da vida e o contexto social rústico.

No segundo capítulo, buscamos descrever a partir da vivência com o mar de nossos entrevistados, a materialidade da pesca, seus sentidos práticos e objetivos. A forma com que o território estava organizado, como a atividade produtiva acontecia, e, também os sentimentos atribuídos a pesca. Nesse capítulo, destacamos ainda as contradições que identificamos; falamos das mulheres que absolutamente envolvidas com a pesca foram historicamente ignoradas, expomos as disputas internas, os conflitos que existiam e as injunções de mudança que começaram a acontecer a partir da instalação e funcionamento da Companhia Nacional de Álcalis (CNA).

No terceiro capítulo entrevistamos um pescador mais jovem, a partir de sua fala e de alguns documentos, esboçamos a configuração do território pesqueiro de Arraial do Cabo e apontamos alguns conflitos existentes em relação ao uso do mar. Além disso, ainda dentro da perspectiva do cotidiano, refletimos sobre as trabalhadoras e trabalhadores do mar e sua capacidade de desenvolver, a partir dos elementos do lugar, táticas de sobrevivência. Ou seja, através do mar e de seus sentidos, esses sujeitos encontram a base de seu sustento.

Entendemos essa capacidade de criação de táticas de sobrevivência como resistência, como resgate de costume e recrudescimento da identidade que o lugar possui em seu sentido afetivo. Como se observou, a cidade de Arraial do Cabo carrega em sua história a materialidade humana de relações com o mar, e, por isso, mesmo que a cidade se construa sob um ideal desenvolvimentista que marginaliza a pesca, e tenha grande visibilidade por causa do turismo e da beleza cênica, ainda assim, Arraial do Cabo se expressa como um lugar de pesca. E, não poderíamos, assim como outros pesquisadores afirmaram, deixar de reafirmar que Arraial do Cabo é um lugar de pesca.

## 1 Memórias sobre o meio de vida pescador do Cabo

*“Ser pescador é a minha natureza” Seu Doque*

A pesca mais do que um trabalho, existe como um sistema de produção, onde o fazer coletivo constrói a identidade e as bases para a reprodução social do pescador (BRITTO, 1999). Ser pescador é mais do que ter uma profissão, isso, se observa na fala de abertura do capítulo. Além de uma atividade econômica, a pesca é um jeito de viver, de se relacionar com a natureza e com as pessoas.

As práticas coletivas ligadas à pesca conferem à comunidade características culturais e identitárias (SILVA, 2010). Nesse sentido, nos colocamos diante das memórias de antigos moradores da vila do Arraial do Cabo, a fim de compreender a vida cotidiana da comunidade e a relação que possuíam com a pesca. Ao ouvir os pescadores anciãos, nos transportamos para outra realidade espaço-temporal, suas falas são repletas de profundas relações afetivas com o lugar, apresentam um verdadeiro saudosismo aos costumes locais, à lida no mar e ao passado no Cabo de maneira geral. O contato com suas histórias de vida revelam a grande intimidade que possuem com o ambiente circundante e a complexidade dos conhecimentos do mar, da restinga e da arte da pesca.

A pesca é um costume, e, em Arraial do Cabo, podemos perceber que a mesma se faz presente de maneira tão plural, por conta do que foi vivido e compartilhado pelas gerações passadas. Optamos por usar o conceito de Costumes na pesquisa. Nossa referência é o historiador Eric Hobsbawm, na obra *“A invenção das tradições”*, ele contrapõe a noção de *Tradição inventada* a *Costumes*, usando o primeiro para definir padrões “invariáveis” / “duros” que se repetem, porém não possuem uma significativa função para a sociedade. São como uma norma, e muitas vezes eles podem aparecer “descolados do tempo”. Como exemplo de tradição inventada, o autor fala do uso da peruca e da toga empregados aos juízes, caracterizando esse padrão formalmente institucionalizado, sem uma profunda aplicabilidade para o grupo humano que faz uso desta Tradição (inventada).

Para o meio de vida pescador do Cabo que iremos caracterizar, percebemos grande entrosamento com o conceito de costumes, pois, este, se define na capacidade de exercer a função de motor e volante de uma comunidade, além de possuir uma combinação de flexibilidade e comprometimento formal com o passado. Nas palavras do autor; “ O costume não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque

a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais.” (HOBBSAWNM, 2012, p. 11)

É com essa perspectiva que nos apropriaremos do conceito de costume, utilizado no decorrer da pesquisa. Nesse capítulo, vamos expor as práticas sociais cotidianas do agrupamento humano que estamos estudando, a fim de revelar mais do que a repetição de hábitos. Buscamos apontar a potência das práticas compartilhadas no seio dessa comunidade para a própria manutenção e reprodução dessa forma de viver, como descrito antes, o costume como “motor e volante”.

Antes quero apresentar as duas testemunhas que gentilmente compartilharam comigo suas memórias, e me permitiram acolher seus relatos: Seu Doque e o Mestre Chonca, como são conhecidos em Arraial do Cabo. Esses homens foram grandes pescadores do Cabo, o primeiro morou e pescou a maior parte da vida saindo da Prainha, já o segundo morou e pescou majoritariamente na Praia Grande. Eles reproduziam um tipo de pesca (traineira e de arrasto respectivamente) e pescavam em vários locais. As dinâmicas com o mundo da pesca trazidas por eles não são facilmente delimitáveis. Assim, estamos resumindo o que foi compartilhado, pois os territórios do mar e as relações que se estabelecem com eles são mais complexas do que podemos imaginar.

Atualmente Seu Doque e o Mestre Chonca não pescam mais devido às suas idades avançadas, respectivamente 87 e 77 anos. Entretanto, continuam de certa forma, ligados ao mar. Ainda hoje, Seu Doque, na sala de sua casa, passa meses produzindo manualmente a rede para a pesca de lula, e o Mestre Chonca é atualmente o último carpinteiro naval da cidade. Em seu quintal, vemos algumas canoas e ferramentas que ainda são usadas para a restauração e conserto de canoas. Além disso, ele possui um museu com seu nome, lá podemos ver as ferramentas utilizadas no trabalho que exercia expostas e miniaturas de embarcações marítimas produzidas manualmente pelo mesmo.

Escolhemos ambos os pescadores por suas trajetórias de vida e experiência com o mundo da pesca. Para essa pesquisa, Seu Doque nos enriqueceu com uma gama de informações a respeito da vida cotidiana no Cabo. Mestre Chonca agregou com detalhes minuciosos sobre a pesca e mais especificamente sobre a pesca à canoa. Ambos mostraram possuir um extenso conhecimento sobre o “mundo da pesca”, aqui, colocamos a pesca como um “mundo” pois, o contato com a literatura e com os pescadores locais nos revelou a grande dimensão das relações que o homem pode estabelecer com o mar. Dito isso, esclarecemos desde já que, não possuímos a pretensão de esmiuçar todos os detalhes a respeito do tema, se quer acreditamos que essa tarefa seja possível.

As histórias de vida dos pescadores guiam nossa consciência a uma lógica de relação social e com o meio natural bastante distinta da que ocorre hoje em Arraial do Cabo. No decorrer deste capítulo, iremos analisar os relatos desses pescadores nativos para elucidar o meio de vida pesqueiro que se desenrolava na vila do Arraial até meados do século XX. Adiantamos que o contato com os mesmos nos fez perceber que o lugar passou por intensas mudanças espaciais tamanha a distância da realidade atual, com o passado não tão distante rememorado por eles.

Optamos por uma metodologia qualitativa usada nas ciências humanas, a saber, a história oral de vida, através da qual privilegia-se as experiências vividas pelos indivíduos (SILVA e BARROS, 2010). Sendo assim, apelamos às memórias daqueles que nos contam suas histórias vividas, e, por isso, a narrativa de suas trajetórias se configuram como fontes históricas que norteiam boa parte dessa pesquisa.

### **1.1 O isolamento e os limites da segregação espacial**

Na obra *Os parceiros do Rio Bonito*, Antônio Cândido explica que as comunidades humanas se organizam através de um equilíbrio entre as necessidades naturais e sociais, um inseparável vínculo entre as potencialidades do meio físico e as relações humanas estabelecidas nesse dado espaço. Essa relação tende a se tornar cada vez mais complexa, tanto do ponto de vista do desenvolvimento da técnica para apropriação da natureza quanto do desenvolvimento social. Os agrupamentos humanos podem apresentar infindáveis características em relação ao seu meio de vida. Quando usamos “*meio de vida*”, o fazemos em referência às características culturais, à forma específica da (re)produção do agrupamento social local, e a configuração das relações que são estabelecidas no seio social e com a natureza.

Ao dizer que “as sociedades se caracterizam, antes de mais nada, pela natureza das necessidades de seus grupos, e os recursos de que dispõem para satisfazê-las” (CÂNDIDO, 2010, p.28), o autor está apontando um caminho essencial para o conhecimento das sociedades através justamente dessa construção estabelecida com o espaço. E nessa perspectiva, caminharemos a fim de compreender e expor o meio de vida pesqueiro do cabo.

E, para discorrer sobre o meio de vida Pesqueiro cabista, inevitavelmente precisamos falar sobre uma questão significativa: o isolamento. Esta característica é muito importante, pois, como veremos adiante, imputava à pesca o sustento majoritário da comunidade, além de funcionar como um entrave às mudanças espaciais e sociais provenientes dos processos de urbanização e difusão tecnológica já em curso em muitas regiões do país (PRADO, 2002).

Nesse sentido, Seu Doque nos relatou a forma como a locomoção das pessoas ocorria antes da construção de vias asfaltadas e da disposição de automóveis no Arraial;

... E então, olha bem, cê sabe qual era a condução do Arraial? Era na praia, não tinha condução. Não tem as Praias das Dunas, atrás do pontal aqui, então, a minha mãe e outras mães, saía daqui naquele tempo para ir “em negócio de curador”, não tinha médico, já ouviu falar em curador né? Para dar remédio. Naquele tempo, o povo caçava a experiência né? Então ela saía daqui e ia para São Pedro da Aldeia, não tem a marinha ali? Ali era a entrada de um cidadão chamado Pequeno Pereira, aquela Marinha lá era uma fazenda desse cidadão, tinha aquela “meopatia” né? Então ela dizia assim; Vicente, fica aí com as crianças que eu vou em São Pedro da Aldeia ali, e ia a pé, não tinha condução, ia e voltava tadinha, ela é baixinha, forte, chegava aqui à tardinha para apanhar remédio para nós. Também, todas as nossas condições eram a pé, tudo era a pé. (Relato do Seu Doque, 2018)

Arraial do Cabo esteve limitado, a maior parte do século passado, como um vilarejo de pescadores. O lugar não possuía vias pavimentadas que o conectasse à outros municípios, a Rodovia General Bruno Martins, única via que liga Arraial do Cabo a outras cidades, foi construída (o trecho em questão), apenas em 1945; segundo Pereira (2009, p.122), o jornal *O fluminense* na edição de 01 de agosto de 1945 anunciava em manchete o feito.

As antropólogas Simone Moutinho Prado e Rosyan de Campos Caldas Britto também abordam a realidade de isolamento do Cabo. Esclarecemos de antemão que, não estamos colocando a Vila do Arraial como um lugar intocado e/ou fragmentado do mundo, mas, evidenciando o caráter desse isolamento, como podemos ver nos seguintes trechos;

O cabo de terra, que não tinha estrada para ligá-lo ao continente, sofria também por conta de um isolamento político: O Arraial não possuía escolas, policiamento, hospitais ou médicos, ligando-se ao resto do mundo unicamente pelo porto. (PRADO, 2002 p.30)

Os pescadores registram em sua memória social as dificuldades enfrentadas nessa época para a venda e transporte da produção da pesca para outros centros de consumo, o que era realizado por barco ou pela praia do pontal, que liga Arraial do Cabo a Cabo Frio, por

onde os tropeiros escoavam os fardos de peixe salgado com destino aos mercados de campos e Niterói (RJ). (BRITTO, 1999 p. 63)

Em uma das conversas com Seu Doque, ele nos relatou que no Cabo todos os nascimentos aconteciam com auxílio das parteiras e em um dos nascimentos que ele presenciou, a mulher não conseguia parir a criança. Então, pescadores amigos do marido da mulher que estava em trabalho de parto se uniram, colocaram-na em uma canoa e levaram-na através do mar para um hospital. A história contada rende certa aflição, ainda assim, ela pode nos ajudar a captar o cunho desse isolamento e pensar a respeito das conseqüências dele para essa comunidade.

Como observamos, não é difícil identificar esse cenário de segregação espacial, e, além disso, na fala do seu Doque, podemos perceber os limites desse contexto de separação. De fato existia um isolamento parcial até a década de 40. Entretanto, a população cabista já havia desenvolvido caminhos, vias não pavimentadas que os levavam as cidades circunvizinhas, quando suas necessidades de existência não eram supridas com o que o meio local proporcionava.

A experiência do Doque e do Chonca nos mostra quão forte e determinante o isolamento era para a reprodução da pescaria cabista;

Fui criado dentro do mar, não tinha outra profissão se não fosse a pesca, então foi desde o começo do meu pai. O meu pai era pescador onde ele ia eu acompanhava ele, e aquilo ali eu fui aprendendo com ele, naquela época não tinha outra profissão a não ser pescador, ou pescador ou tirar lenha nos morros (risos), era assim, não tinha outra profissão, não tinha Álcalis, mata virgem ali onde é a companhia Álcalis, aquilo ali era uma cega pura, criador de boi ali também. (Relato do Seu Doque, 2018).

E o mestre Chonca completa;

(...) então, todo mundo era pescador (...) Olha só, quando eu ainda era pequeno com quatorze quinze anos, o jovem não era pescador de canoa, de rede, porque ele era considerado pelos mais velhos como novo e não sabia pescar. Eu por exemplo com treze anos eu fui pescar, porque meu tio me levou pra pescar, mas não era comum, mas quando fui pescar eu já sabia remar, eu já sabia nadar, eu já sabia entrar na água pra bater para o peixe não sair, eu sabia jogar tarrafa. (Relato do Mestre Chonca, 2018).

Como podemos perceber na fala dos pescadores, o isolamento espacial era determinante para a construção social dessa realidade tão fortemente amalgamada a pesca, esta, se constituía como costume, direcionando a vida cotidiana, além de produzir uma relação própria entre a comunidade e o ambiente. Ou seja, o isolamento

suscitava o meio de vida pesqueiro quando impulsionava os sujeitos para essa reprodução social centralizada na pescaria.

Como vimos nos relatos, a pesca era uma atividade herança, um ofício ensinado pelos pais/parentes, “não havia outra opção” e, diante da impossibilidade de outra forma de sustento substancial, a pesca existia como alicerce da reprodução social desse meio de vida. Por isso, frisamos o isolamento como uma barreira para o desenvolvimento de outras atividades produtivas, fortalecendo assim, a pesca como atividade majoritária, como atividade central.

Nas obras da Simone Moutinho e da Rosyan de Campos Caldas Britto, as autoras colocam o isolamento como um problema, pois, de fato, para o escoamento da pesca era um problema não ter uma via pavimentada. Ou como seu Doque nos contou, em uma situação onde uma emergência sucedesse era demasiadamente penoso ter de fazer longas caminhadas pela praia. Entretanto, para a (re)produção do meio de vida pesqueiro do Cabo, o isolamento foi essencial, pois ele impulsionava a vida coletiva para essa lógica relacional com o mar e com a restinga. E foi por isso que em Arraial do Cabo se construiu uma trajetória no mundo da pesca tão rica, tão difícil de ser entendida e explicada tamanha a gama de tramas tecidas entorno dessa atividade.

Os pescadores relataram que até a metade do século XX existia um relativo contato com a cidade de Cabo Frio e São Pedro da Aldeia. E, embora os moradores locais tivessem domínio e conhecimento de muitas plantas medicinais da restinga, quando estas não atendiam as demandas dos quadros de doença, eles buscavam auxílio em outros bairros, iam andando pela praia do pontal, o caminho que a comunidade havia construído para poder transitar para fora do Arraial.

## **1.2 O costume da salga e a existência das mulheres**

As vias rústicas estabelecidas pela comunidade eram de suma importância para a atividade pesqueira local, pois, através delas se dava a própria distribuição do pescado que era escoado, já salgado, nos lombos dos burros, como nos mostra a experiência do Seu Doque e do Mestre Chonca

Os peixes aqui salgado era carregado pelos lombos dos burro, então, aqueles donos do burro que vinham de fora para comprar o peixe

aqui, a gente chamava eles de tropeiro, porque tinha aquela quantidade de burro, de animal para apanhar o peixe e ir embora; ó ali vem um tropeiro lá, era o dono dos animais. A gente negociava o peixe colocava no lombo do burro e conduzia para fora salgado, não gelo, porque não tinha gelo. (Relato do Seu Doque, 2018)

O peixe saía de Arraial ia até São Gonçalo, Macaé através de burro, o meu padrinho era dono de uma tropa de burro, e salgava peixe, e ele ia vender. O meu avô também chegou a fazer isso, ele ia com o vendedor. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

A forma do escoamento do pescado era muito importante, pois incluía a salga do peixe. Esta técnica comumente realizada pelas mulheres contribuía para a socialização dos mais jovens para a pesca (BRITTO, 1999). Logo, os aproximava desse universo de saberes e linguagens em torno do mar. Ou seja, a salga era um costume aglutinador da comunidade no tocante à manutenção e reverberação desse modo de viver centralizado na pesca. Sendo assim, mais do que um método de conservação do pescado, a salga era um significativo costume (HOBBSAWNM, 2012), pois envolvia grande parte da comunidade em torno do extrativismo. Seguindo essa perspectiva, ao dialogar com uma ex-restingueira chamada Orminda, Prado (2002 p.45) expõe o relato da mesma sobre a salga: “eu salgava muito peixe xaréu, bonito grande, bonito pequeno, sabe, a gente escalava, isso é, passava a faca no peixe para tirar as tripas e salgava”.

Nesse momento, encontramos a possibilidade de reflexão sobre uma questão significativa. Entendemos que a divisão sexual do trabalho no Cabo se caracterizava com a ida dos homens ao mar. Porém, as mulheres, em atividades secundárias, agiam em terra, ou seja, as mulheres não pescavam. Diante desse fato que, não pode ser encarado como natural, questionamos os motivos pelos quais as mulheres cabistas, mesmo estando absolutamente envolvidas com o universo da pesca, não eram consideradas pescadoras.

A pesquisadora Maria Aparecida Gomes Ferreira constrói sua tese de doutorado falando sobre as diferentes atuações das mulheres pescadoras em Arraial do Cabo. Sua pesquisa nos mostra que essa realidade de distanciamento da mulher com o mar, em relação a pesca, mudou, pois, nas palavras da mesma, as mulheres “transgrediram um limite histórico de gênero, o mar” (FERREIRA, 2016 p.25).

Ao falar sobre o momento histórico onde as mulheres eram apartadas da pesca no Arraial (atividades no mar), Ferreira (2016, p.23-25) ressalta que, mesmo assumindo os papéis de dona de casa e rendeira, as mulheres cabistas faziam parte da cultura da pesca, elas caçavam mariscos, moluscos, algas e camarão, salgavam, escalavam e vendiam os peixes. Além disso, elas cortavam lenha e levavam água

potável para casa, funções que eram compreendidas como secundárias às realizadas pelos homens.

Ao estudar a pescaria cabista que se desenrolava até a metade do século XX, o gênero feminino fica apagado. No imaginário social, a pesca é uma atividade majoritariamente masculina. Então, com normalidade, “aceitamos” o esquecimento da mulher e sequer percebemos que as mesmas foram apartadas da pesca e da história em torno dela. Mas aqui contestamos esse posicionamento, pois, como Ferreira (2016) nos mostra, a mulher estava envolvida de diversas formas na pescaria, porém suas atividades eram inferiorizadas. Logo, ao falar do meio de vida pesqueiro do Cabo, cabe ressaltar a participação e importância das mulheres no contexto da pesca local, e na (re)produção social desse agrupamento humano.

Ainda sobre esse quadro, encontramos em Prado (2002) o registro da fala de Santa:

A mulher trabalhava mais do que o homem, lavava, passava, costurava, ia na restinga pegar lenha e água, lavava roupa, fazia comida, cuidava das crianças, os homens não, só ficavam lá na praia esperando o peixe. Era muito difícil uma mulher tomar banho de mar, quando tomava era de roupa, não tinha esse negócio de maiô não, a gente ficava ajoelhada na areia tirando a cabeça de sardinha. (PRADO, 2002 p. 44)

Entendemos que o meio de vida pesqueiro cabista fomentava uma relação de desigualdade entre os gêneros. De acordo com os relatos e livros que consultamos, fica clara a liberdade masculina e valorização das ações desse gênero em oposição à submissão da mulher e tratamento subalterno aos seus feitos. Frisamos assim a necessidade de (re)conhecimento do papel do gênero feminino nesse momento histórico. Conjecturamos que o cotidiano específico dessas mulheres, nesse meio de vida pesqueiro, seja tão diverso e amplo que ele pode claramente compor outra pesquisa.

Dito isso, esclarecemos que, nesse trabalho, buscamos romper com esses esquecimentos históricos e com a forma de produção de conhecimento que exclui a mulher do processo de participação e construção da realidade. Em outras palavras, almejamos expor na pesquisa a fundamental participação do gênero feminino no meio de vida pesqueiro e, mais adiante, no terceiro capítulo, a atuação das mulheres no contexto da atual pesca em Arraial do Cabo.

Entrecruzando as fontes referenciadas, percebemos que a comunidade local estava intimamente amalgamada à atividade da pesca e, nesse sentido, julgamos a salga como um importante costume no que tange à reprodução da pescaria cabista. Lembramos o que já foi apontado, eram as mulheres as responsáveis pela salga do pescado, e, sabendo da importância da salga para a socialização dos mais jovens

para a pesca, podemos compreender a significativa participação feminina na manutenção dessa forma própria de organização social.

### 1.3 Os saberes Cabista

Ao ouvir as memórias sobre a vida cotidiana, Seu Doque nos leva à outras direções, ele nos revela a dimensão cultural dessa específica organização social. Quando ele nos diz que no Arraial não tinha escolas, podemos cometer um grande erro e pensar que não havia conhecimento, ou mesmo reproduzir um discurso etnocêntrico afirmando que a comunidade local não possuía cultura.

Desde a década de 1940, o pescador tem sua cultura posta em cheque pelo mito da modernização<sup>3</sup>, que valoriza o conhecimento formal, o conhecimento escolar, o certificado. Contrapõem a sua concepção de civilização com outras distintas, tratando-as como “periféricas” / “atrasadas”, deixando implícitas as influências do evolucionismo em sua compreensão social.

É possível ver essa perspectiva quando Prado (2002) expõe falas de alguns estudiosos a respeito do assunto:

A industrialização do Brasil personifica a civilização, e o “progresso moral” é o estilo de vida do “progresso técnico”, e sobre tal pressuposto entenda-se que a comunidade científica e intelectual deveria dar sua contribuição, inserindo a cultura erudita dos cidadãos na atrasada e conservadora cultura provinciana das periferias, posto que a “plebe ignorante” é totalmente estagnada. Somente através desse caminho de desenvolvimento técnico e cultural, o Brasil poderia subtrair de suas entranhas as “aldeias tribais” e se colocar na lista dos países desenvolvidos (FERNANDES,1976). O Analfabetismo se apresenta como a grande doença brasileira e precisa ser saneado tal como as demais patologias, verminose e vícios que impedem o progresso. (MELLO, 1995 apud PRADO, 2002 p.31)

Discordamos em absoluto da perspectiva expressa na citação acima, pois, entendemos que os agrupamentos humanos não possuem uma norma evolutiva tal

---

<sup>3</sup> A teoria sustenta que, dadas certas condições, todas as sociedades podem mover-se do extremo tradicional ao moderno, o qual é tipificado pelos mais adiantados países capitalistas do Ocidente. Assim todas as sociedades estariam em algum ponto do *continuum* tradicional moderno e poderiam avançar nele. A principal razão para uma sociedade estar em uma posição atrasada ou adiantada no *continuum* seria, então, o grau de tradicionalismo ou modernismo das atitudes e valores de seus membros (OLIVEN, 2010 p.26).

como vemos em alguns aspectos da biologia. Sendo assim, a imposição e/ou expectativa de um padrão social é um equívoco brutal. Também não se pode aprisionar o conhecimento nas escolas, o saber, e o compartilhar saberes não se resume a um conteúdo que deva meramente ser transmitido do professor para o aluno. Brandão ao discutir conhecimento formal diz que “a educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado” ( BRANDÃO, 2007 p.13).

É possível encontrar em Prado (2002) muitos relatos de anciãos que apontam para conhecimentos e saberes cabistas; como exemplo, os boticários, que eram doutores em “curandices”, possuíam o conhecimento de muitas ervas medicinais da restinga e, embora não tivessem um diploma, portavam grande conhecimento empírico e botânico, tratando muitas enfermidades manifestas na comunidade local (LUJIK, 2017). Além dos boticários, Seu Doque nos conta que existiam também muitas parteiras,

Olha bem, o cabo não tinha médico, o que tinha era parteira para puxar as criança de dentro da nossa mãe e da minha esposa, eu sou pai de treze filhos vivos, muitas vezes eu estava pescando, eu chegava de noite ia buscar a parteira para puxar a criança de dentro da minha esposa. (Relado do Seu Doque, 2018)

Essas Mulheres possuíam experiências, conhecimentos acerca do nascimento, e, por isso, auxiliavam as gestações, o trabalho de parto e o pós-parto das mulheres que viviam no Arraial. Esse é um valioso saber para a manutenção da vida, extremamente importante para comunidades que, como essa que estamos analisando, tinha um difícil cesso, e estava localizada longe de hospitais, e/ou comunidades que simplesmente possuem parteiras e através da participação delas há autossuficiência nesse quesito.

Refletindo ainda sobre os saberes no Cabo, nesse contexto histórico, antes do estabelecimento de escolas e da alfabetização da população, existiam vários tipos de conhecimento, não somente de “cunho médico”, como o conhecimento das parteiras e dos boticários. Mestre Chonca nos conta sobre um importante e complexo conhecimento para a pesca, quando afirma

Olha, eu vou dizer pra você, um pescador chegou ali atrás da ilha dos franceses, encontrou um pescueiro<sup>4</sup>, tinha muito cherne e badejo,

---

<sup>4</sup> Região no mar onde regularmente se encontravam volumosas quantidades de peixes. Os pescueiros poderiam ser mais afastados como o dos Burros que ficava há aproximadamente cinco horas mar a dentro, e se chegava com barcos à motor, ou pescueiros mais próximos como o dos franceses onde se chegava à canoa. Os pescadores sabiam que estavam no pescueiro por conta da angulação que faziam com pontos fixos existentes em terra. Ver: Ferreira e Fialho, 2013 p. 33,34.

então ele fez uma marcação, então ele olhou pro lado de lá, ele viu uma pedra branca, e a ponta da ilha menor que tem, e do lado de cá ele avistou a igreja, então ele cruzando assim, ele sabia a posição exata que ele ia ficar no pesqueiro. No outro dia ele ia pescar ali, só que no dia seguinte, ele chegou lá e encontrou as duas marcas que tinha do lado de cá, a igreja com as duas marcas, e do lado de lá, só tinha a ponta da ilha, a pedra branca que ele marcou do outro lado não estava, por que ela não estava lá? É porque era um cavalo branco, entendeu agora como é que marca o pesqueiro? Esse pesqueiro ai, eu hoje não levo ninguém lá, porque acabou a marca daqui, mas a de lá ainda existe, a ponta da ilha com a figueira da ilha. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

Essa relação dos pescadores com o pesqueiro era fundamental. Grosso modo, podemos imaginar pontos no mar onde a pescaria era mais próspera, pontos certos onde os pescadores sempre iam pescar, pois a possibilidade de sucesso era mais garantida nesses pontos. Seu Doque também nos conta sobre os pesqueiros; “Você sabe que lá no meio do mar, cada lugar tem um nome e a gente sabe, a gente viajava cinco horas para dentro do mar eu e meus companheiros”. Essa técnica de angulação para encontrar o pesqueiro no mar acontecia sem bússola ou mapa, um conhecimento que de certa maneira nos assusta tamanha a precisão que tinha e pelo fato de não contar com qualquer ferramenta de localização espacial. Quando ouvimos os pescadores falando sobre os pesqueiros, nos questionamos e demoramos a entender essa lógica de angulação e orientação no mar (FERREIRA, 2016 p. 61,62).

Também existiam outros conhecimentos empíricos como os que permitiam a “previsão” do tempo, dos acontecimentos que sucederiam diante da variação climática, esses, estavam sempre associados à pesca, ao ato de ir ou não ir pescar naquele tempo específico. Quando Chonca diz;

esse vento aqui, por exemplo, sempre foi muito bom pra pescar a pesca de anchova, o sudoeste, vento que vem de lá e agita o mar, também é bom pra pesca de anchova, mas é pra pesca de anzol, não é pra pesca de arrasto. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

Nesse trecho, ele expressa suas referências, que eram majoritariamente as variações de vento, observando diversas vezes o vento de sudoeste, ele já sabia o padrão de ondas, e as repercussões na pesca. Até hoje em Arraial do cabo ouvimos moradores falando da “lestada”. Segundo pescadores entrevistados a lestada é um vento forte que agita o mar, e dependendo de sua força, prejudica a pesca. Esse é um conhecimento antigo, utilizado pelos nativos para caracterizar esse aspecto do clima local.

Em um dos momentos que estávamos ouvindo o Seu Doque, ele também expressa um pouco desse saber empírico relacionado ao mar e aos ventos;

O mar tem tudo de bom (...) O mar tem vários sentidos, eu não sou meteorologista não, mas eu conheço o tempo, você sabe que o mar fala também? Tem o horário certinho do mar falar, é eu perguntar pra os companheiros, que horas tem aí? Falta vinte para meia noite, ele dizia: Por causa de que Major? Então, eu chegava naquele ponto, o mar estava taragado demais, o mar batendo muito, porque o mar estava violento. Quando chegava meia noite o mar ficava sereno, um minuto, dois minutos, aí meia noite, depois que passava meia noite e um minuto, voltava a ficar agitado outra vez. Quando o mar também estava macio, a gente pescando em uma boa, quando era meia noite vinha três vagas de mar e batia no rochedo de pedra, batia “páh, páh” chegava a chiar, meia noite, olha, o mar está falando. O vento também tem a hora certa dele ficar calado, a estrela também. Eles falavam para mim; Doque, que tanto você está olhando pra cima? Porque a estrela desloca de um lugar para o outro, as vezes ela vai para o norte, eu falava assim; olha, daqui dois dias vem um sudoeste aí, e vinha, porque a estrela corria, o vento vinha em cima da estrela, tudo isso a pessoa tem que pegar a prática da natureza, então eu aprendi muito com a própria natureza. As vezes eu to aqui conversando com a minha filha, tem um pássaro chamado afragata, um pássaro grandão, quando eles passam para cá, dois, três; ó vai vir um vento sudoeste, daqui dois dias vem essa fonte fria para cá, tudo isso a gente aprende, é porque eu nasci dentro do mar, eu não tinha outra profissão a não ser o mar, e eu gosto de trabalhar no mar, já fazem vinte anos que eu saí do mar, e eu tenho saudade do mar, meu pensamento vai tudo nesses lugares onde eu andei. (Relato do Seu Doque, 2018)

Nesse momento do relato, percebemos os limites da metodologia adotada, pois embora a história oral de vida nos aproxime do indivíduo, ela não consegue reproduzir tão fielmente toda a sensibilidade e emoção expressa na fala. Nesse momento em que o Seu Doque nos conta sua experiência, ele o faz repleto de sentimentos, seus olhos brilham e com muita doçura ele descreve a experiência que possui, é poético e delicado, tamanha a significação da relação construída com o mar e infelizmente não se pode reproduzir essas sensações através da escrita.

Retomando a construção sobre os saberes cabistas, entendemos que a prática da pesca foi fundamentada por esses saberes e para o desenvolvimento deles. O costume da pesca fomentava o desenvolvimento de diversas técnicas, aflorando assim, conhecimentos ímpares, práticos e essenciais ao meio de vida. Ao compartilhar suas histórias sobre a lida no mar, os pescadores explicaram a subida das correntes frias, a fertilidade delas, e a diferenciação das massas de água; “quando é março abril e maio vem muito comedoria, o que é comedoria; são peixinhos pequenos que o peixe grande ataca, como Paraty, sardinha e outros mais” (Chonca), “Nem todo tempo a águas estão boas não, então o peixe se afugenta, o peixe corre muito para água boa” (Seu Doque). Eles conhecem a ressurgência<sup>5</sup> devido ao acúmulo de experiências no

---

<sup>5</sup> Fenômeno oceânico onde ocorre o afloramento de águas profundas e frias para a superfície, essas águas possuem um maior teor de nutrientes, assim, as regiões do mundo onde ocorre esse fenômeno

mar, que envolviam obviamente a atividade da pesca, mas também a observação contínua, a percepção dos ciclos naturais de desenvolvimento dos peixes, as variações da pescaria no decorrer do ano.

O conhecimento sob o qual a pescaria cabista se constrói não se limita ao mar. O saber florístico a respeito da restinga também era enorme e absolutamente fundamental para a reprodução da pesca local. Dedicaremos-nos com mais força sobre as técnicas da pescaria no segundo capítulo, por isso, deixaremos para mais adiante a exposição dessa relação com a restinga e dos conhecimentos sobre ela.

Sabemos que na vila do Arraial as pessoas não eram alfabetizadas, isso é um fato. Entretanto, fica claro que analfabetismo não foi impedimento para o desenvolvimento de uma gama de saberes. Dessa comunidade pesqueira vemos emanar muitos conhecimentos, e não são poucos os pesquisadores que recorrem a esses homens para obter informações diversas sobre o mar, a restinga, a Companhia Nacional de Álcalis e a pesca. É imprescindível abandonar práticas e ideias que promovem a hierarquização dos saberes e deslegitimam assim tudo o que não é conhecimento formal e escolar. É extremamente importante tornar cada vez mais claro o quanto esses saberes são significativos e potencialmente agregadores.

#### **1.4 A metafísica compartilhada no cotidiano e a rusticidade da vida.**

A respeito das características culturais do meio de vida pesqueiro do Cabo, encontramos na fala dos pescadores ouvidos, e na literatura consultada até aqui, uma série de histórias que alimentavam o imaginário coletivo da comunidade local e exercia fortes influências sobre práticas e ações diárias.

Por não haver luz elétrica no Cabo, ao anoitecer, a vila do Arraial se tornava bastante escura, sendo iluminada pela lua ou por lampiões e lamparinas, como Seu Doque nos revelou. Esse cenário de escuridão propiciava muitas lendas e mitos, a noite trazia o “encantamento do mundo”, os sons da mata e dos animais nativos ganhavam formas, se tornavam-se histórias que circulavam com força no imaginário da população. Estamos falando da fé na existência de mula-sem-cabeça, boitatá, lobisomem, sereias, fantasmas, praias assombradas (PRADO, 2002, p.37).

---

geralmente apresentam alta produtividade primária, se tornam um rico ecossistema e passam a ter grande importância comercial voltada para a pesca.

A crença nesses seres sobrenaturais fazia com que a vida social cabista acontecesse apenas até o entardecer, com a chegada da noite, as ruas se esvaziavam, esse hábito de evitar sair de casa ao anoitecer tornava as noites ainda mais misteriosas e mágicas. As crenças dessa comunidade pesqueira foram fortemente influenciadas pelo catolicismo do colonizador, por isso, além das histórias de assombrações, também existiam histórias com santas, por exemplo: Nossa Senhora dos remédios que era conhecida por passear na Praia grande sentido Saquarema (PRADO, 2002 p. 36-37).

Esse cenário fantástico era muito forte, tanto que, ainda hoje, filhos e netos de antigos cabistas reproduzem esses contos em tom de credulidade, afirmando as histórias por conta das experiências de seus antecessores. Em 2017, ao dialogar com um jovem cabista que vamos chamar de Carlos, ele compartilhou conosco a seguinte fala; “vovô dizia que aqui no Arraial tinha muita mula-sem-cabeça e ninguém entrava na restinga a noite. Cara, vovô dizia que tinha!”. Em outro momento, após o gravador já estar desligado, Mestre Chonca contou causos, ele também afirmou que existia mula-sem-cabeça e lobisomem no Cabo, e que todo mundo sabia quem era um dos lobisomens da vila. Além disso, ele já havia até pescado com esse homem, porém o mesmo não estava transformado em lobisomem no momento da pescaria, é uma das características que levava a comunidade a acreditar que o tal homem se transformava em lobisomem, era a fome que ele tinha, pois ele comia muito. Nas palavras do Chonca “ele comia de maneira que nenhum ser humano pode comer”.

Refletindo sobre esse mundo fantástico exposto acima, entendemos o meio de vida pesqueiro cabista amalgamado a essa faceta folclórica, mítica, onde a comunidade se percebia como parte de um mundo encantado, cheio de seres sobrenaturais e, por isso, direcionavam suas vidas dentro dessas crenças. Com a chegada da luz elétrica, diante do contato com os “de fora” e a alfabetização da população “uma série de seres fabulosos desapareceram junto com o medo de andar na noite completamente escura” (PRADO, 2002, P.37). Contudo, essas histórias aparecem ainda hoje com muita credulidade por parte de filhos e netos, mas a questão que colocamos é que; no meio de vida pesqueiro cabista havia um pertencimento a um mundo fantástico que norteava o cotidiano.

Falando ainda sobre os aspectos culturais dessa comunidade, Prado (2002) nos revela que nos momentos de ócio, homens velhos e jovens se reuniam nas ruas para contar piada, recitar versos e beber cachaça. O lazer também assumia aspectos da doutrina católica, fruto da influência européia e, por isso, realizavam muitas festas religiosas, faziam rezas e seguiam dogmas dessa religião, como por exemplo: batizar as crianças.

Para além dessa perspectiva metafísica, as características culturais, do âmbito das práticas do dia-a-dia, se caracterizam por uma verdadeira lógica de relação espontânea / orgânica com o meio. A história do Cabo, até meados do século XX, foi atravessada pela vida cotidiana centralizada na pesca, como dissemos, e também na relação com a restinga. Sendo assim; as práticas sociais, os hábitos, a produção de conhecimento, o desenvolvimento de técnicas e instrumentos, etc. tudo girava em torno dessa atividade, da possibilidade de realização da pesca através dos meios que o ambiente disponibilizava.

Prado (2002) traz essa perspectiva quando reproduz a fala de um pescador chamado João “Bagunça”;

os restingueiros de Massamababa faziam seus barracos no meio do mato da restinga, lá moravam e só viviam da pesca de linha e tarrafa na beira da lagoa, da praia, ou dos brejos, onde usavam o puçau ou o juquiá<sup>6</sup>. Os barracos deles eram feitos de folhas de guriri, e todo o barraco, como tudo o que comiam vinha da restinga ou do mar. (Prado, 2002 p. 38)

Na fala do João Bagunça, encontramos claramente essa característica tão fundamental para o meio de vida pesqueiro do cabo; a relação com a restinga e com o mar. As moradias em sua totalidade eram construídas com a matéria prima que existia na restinga, e o mar, mais do que fornecer o peixe a ser vendido, fornecia também alimento, pois a comunidade local também comia o peixe, e o Mestre Chonca nos mostra isso quando diz; “(...) então, quando chegava o dia que tinha o peixe, tirava o montante pra vender e tirava o deles pra comer, ai é que chamava, esse é o peixe de comida”.

Seu Doque nos revela um cotidiano de grande simplicidade com características rústicas e campestres. Ele fala da rotina dentro da casa, do preparo da comida e da alimentação;

(...) aqui não tinha luz elétrica não, era no escuro, era na lamparina e no lampião, cê sabe né? lampião de querosene, a lamparinazinha na cozinha para nossa mãe fazer a janta de noite, e um lampiãozinho quadrado na sala de noite, agora cê vê que diferença daquele tempo para hoje em dia. Bom, excessivamente também, o cozinhar da nossa alimentação de comida no fogo era porque é de lenha, era um fogão, desse tipo aqui comprido, embaixo enchia todinho de lenha pra cozinhar o feijão, e também era panela de barro, não era alumínio não. Então, tirava a lenha lá naquele morro lá, ta entendendo? A nossa mãe fazia a lenha lá de cima daquele morro todo aqui da restinga, não tinha a Alcalis não tinha, lá também era uma serra,

---

<sup>6</sup> Aparelhos de pesca; a linha era de tucum ou algodão, a tarrafa era uma rede pequena e circular, o puçau era um círculo de bambu e cipó e o juquiá é um cone feito de cipó, para prender os peixes em águas rasas ou brejos.

chamava Ticundiba, que era o nome do lugar, morava um povo lá também, tinha moradores lá, então fazia lenha lá também, então nossa mãe fazia lenha para poder cozinhar.

(...) peixe, nós nos alimentávamos muito de peixe também, todo dia, porque... olha aqui ó, a população do cabo era tão grande. Ta gravando? É bom gravar isso heim. Pra eles saberem o que era o Cabo. A população do cabo era tão grande que o cidadão criava porco, criava boi, então pra matar um porco de 30 kg saia com uma folha de papel, tomando nota de casa em casa pra ver quem tinha condição de comprar 1kg de carne, então fazia aquele o calculo, se vendesse aquela quantia ele matava o porco, se não tivesse quem comprar aquela quantidade, ele não matava o porco, assim também o boi. Levava um mês dois meses, para matar o boi, aí a pessoa juntava aquele dinheiro para pagar ele. Se chegar naquela quantia ele matava, se não, ele não matava, a população era pequena, então nós nos alimentávamos de peixe, ta entendendo? Isso não é vergonhoso não, to dizendo quem era o Cabo. (Relato do Seu Doque, 2018)

Ainda nesse quadro, Seu Doque explica como faziam quando a pescaria não ia bem, e complementa ainda, sobre a alimentação;

(...) Nosso pai tirava aquelas varas para fazer as cercas, e também para se manter, Entendeu? Quando o mar batia mal, nós corríamos para o morro para tirar lenha com a minha mãe, para vender a lenha na padaria pra poder se alimentar, então, meu pai apanhava aquela oportunidade e passava a cortar o morão, varas cumpridas, e fazia nos quintais de quem tinha mais condições.

Seguinte, devido as águas, nem todo tempo a águas estão boas não, então o peixe se afugenta, o peixe corre muito para água boa. Quando a água ta boa a corrente vem na beira da praia mesmo, abrange o mar todo, então o peixe procura as condições dele, então o pescador mata o peixe, mas se bate uma quadra ruim de maré o peixe se afugenta você entendeu né?! Mas enquanto isso a gente tinha uma galinha, a gente podia criar, naquele tempo era à vontade, hoje em dia não dá, não tem condições mais, e outra coisa, naquele tempo não se comia arroz não, era difícil, era o feijãozinho com farinha. Quando a gente chegava ali, era uma venda né? Então, para comprar um pouco de arroz, já perguntava hoje tem festa lá? Perguntava assim! Nossa mãe mandava comprar, não é quilo não, era 200 gramas de arroz, meio quilo de arroz.

Tinha verdura, tinha condição no quintal pra plantar. Nós criávamos muita galinha, ta entendendo? Hoje em dia nós sentamos na mesa para almoçar e jantar, temos uma cadeirinha com poltrona, naquele tempo não, era no chão, nós almoçávamos e jantávamos no chão (risos), tá entendendo? Lá uma casa ou outra que tinha um banco pra sentar. Então, nossa mãe colocava uma esteira no chão e chamava os filhos, a panela ela colocava do lado dela (risos), ta entendendo? Então ela colocava no prato e entregava a cada filho, ó fulano, fulano e fulano, mas primeiramente era o pai que comia. Nosso pai sentava na cabeceira na esteira no chão, então eu sentava ali, mas o primeiro prato era dele, minha mãe colocava o prato, mas não chamava pelo apelido não, meu pai chamava Vicente, o apelido era Mascate, ela nunca chamou Mascate não, era respeito, aí Vicente o seu prato, aí ela colocava para nós, colocava para mim, para o nosso pai, entendeu? E para comer de garfo era difícil, era mão (risos), não tinha costume, era mão você está me entendendo? Excessivamente a nossa passadio do Arraial era assim, e por isso eu to cheio de saúde, to com 87 anos, não tinha remédio, o remédio era

homeopatia, que era vidrinho da restinga. (Relato do Seu Doque, 2018)

A fala do Seu Doque nos revela um padrão de vida rústico. Usamos o termo rústico não no sentido equivalente à rude, mas em uma perspectiva campesina, rural. Como vimos, a comida era feita em fogo à lenha, preparada em panelas de barro, e a família se envolvia na coleta da lenha. A dieta contemplava a ingestão de peixes, feijão com farinha e carne de alguns animais que criavam, além de comer alimentos cultivados em pequenas hortas em seus quintais.

Além das características em torno da alimentação, seu Doque e Mestre Chonca também nos contam sobre a construção e composição das casas no Arraial;

Então as casas aqui no Cabo era casa de estuque, sabe o que é estuque? Ele apanhava aqueles paus, fazia o quadrado da casa, a forma da casa, pau a pique; aquelas varas fininhas, e amarrava cipó, entendeu? Colava a casa (...) Ta gravando? Eles colocavam aquele pauzinho, pau a pique trançado, agora, ir para o barrinho, tirava o barro, chamava três, quatro companheiro pra fazer aquele amassador com o pé, ficava um de fora e o outro para o lado de dentro e chapava, a plaina era a mão, excessivamente fazia casa de estuque assim. Naquele brejo lá, onde era a Alcalis, tinha um brejo tirava palha sapê para cobrir a casa, olha, não entrava água não, o chão não era isso aqui não, era chão de barro, entendeu? Chovia e não caia água. Hoje em dia faz uma casa, a laje racha a parede entra água, mas naquele tempo não, tudo de barro, chovia, e não caia o barro. (Relato do Seu Doque, 2018)

Além de tirar a raiz de murici, a restinga fornecia madeira pra fazer casa, as casa do pescador era tudo de pau a pique, fornecia o cipó pra amarrar, só não fornecia o barro porque lá não tem barro, pegava na roça velha tinha barro bom, naquele morro até olaria ali, tinha vários lugar que se pegava o barro, amassava com os pé igual quem amassa uva pra fazer vinho, amassava com os pés o barro, depois que ele tava bem ligo, aí jogava na parede, na parede fazia as malhas também, colocava as madeiras em pé, depois colocava assim, amarrado com cipó, depois enchia com barro, botava uma porta, prendia com barbante, não tinha ladrão, fazia um molho com a palha, aqui ela tem o nome de tiririca, e prendia em duas madeiras em cima da casa, e a água não passava. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

Através da fala do Seu Doque a respeito da alimentação, identificamos que uma vigorosa cultura de subsistência acontecia e, tanto do ponto de vista da alimentação quanto do ponto de vista da moradia, podemos perceber a sagaz relação com a natureza local. A comunidade se organizava de maneira coletiva. Além disso,

existia um forte sentimento de compadrio na população (Prado 2002), nesse sentido, Mestre Chonca nos disse que “aqui no Arraial tudo era família”. Embora existisse certa hierarquia social, a maioria da população estava envolvida na pesca, eram netas e bisnetos de pescadores e salgadeiras. As necessidades materiais eram basicamente as mesmas, além também de serem supridas de maneira comum. Por isso, em relação a perspectiva material, entendemos que esse agrupamento humano se constituía como uma sociedade relativamente homogênea.

Essas características, somadas a algumas outras expostas aqui, como o isolamento, a composição social, os juízos compartilhados, conformam esse gênero de vida rústico que afirmamos anteriormente. Diante desse contexto, enxergamos grande semelhança segundo a reprodução dos hábitos cotidianos com os estudos sobre os caipiras do sociólogo Antônio Cândido (1964). Segundo o autor, os caipiras constituem uma sociedade com grande coesão social, relativamente homogênea e com valores tradicionais marcados. Do ponto de vista racial, são uma mistura de branco, negro e índio, se espacializam em solo rural de maneira dispersa e estão isolados de centros urbanos, além disso, os caipiras vivem do nomadismo e da cultura de subsistência (Candido, 1964).

Como se observa, existem fortes similaridades entre esses agrupamentos humanos: os caipiras que viviam em Bofete e bairros próximos (interior de São Paulo) e a comunidade pesqueira cabista. Esta, de maneira preconceituosa como veremos, foi estereotipada como Muxuango;

Como produto de uma forma inferior de sociabilidade, o muxuango, ou o pescador residente nas áreas de restinga fluminense, é colorido com os mesmos matizes destinados aos quadros pintados sobre o caipira, o mocorongo, o matuto, o jeca tatu e o capiau. (PRADO, 2002, p.30)

Sabemos que os agrupamentos humanos não se comportam como células ou espécies botânicas do ponto de vista evolutivo. Por isso, é cientificamente incoerente utilizar um padrão humano como referência e inferiorizar formas de sociabilidade distintas. Neste trabalho, deixamos claro que repudiamos essa ideologia biologizante, nem melhor, nem pior, a forma social que estamos apresentando aqui, como tantas outras, é apenas diferente desse sedimentado ideal.

Como vimos na citação acima, as similaridades entre cabistas e Caipiras eram enxergadas. Para nós, o entendimento dessa aproximação, no que tange a reprodução social desses agrupamentos, é importante, pois nos ajuda a desenhar o meio de vida pesqueiro cabista com mais clareza, sendo assim, completando a caracterização desse tipo humano, afirmamos que a vida cotidiana era marcada por práticas que nos remetem àquelas que entendemos como típicas da cultura caipira.

Em alguns momentos o desencadeamento das ideias sobre a vila do Arraial se misturavam a reflexão sobre a comunidade que vivia lá, uma forte afluência que nos faz pensar o quanto esse agrupamento humano estava amalgamado as características próprias do lugar. Essa unidade salta os olhos, talvez porque diferente de hoje, naquele momento sócio-histórico não existia uma separação tão delimitada entre homem e natureza.

Concluimos esse capítulo, caracterizando a comunidade pesqueira cabista justamente nesse entranhamento com o meio local, sendo impossível existir o meio de vida pesqueiro cabista sem essa íntima relação com a restinga e com o mar. Diante disso, a afirmação do Doque usada na epígrafe; “Ser pescador é a minha natureza” sintetiza claramente o liame que existia entre esse agrupamento social e o mar no Cabo.

## 2. A Pescaria Cabista

*Pescador é um, matador de peixe é outro (Chonca)*

Quando pensamos sobre a prática da pesca, nosso entendimento pode nos remeter à idéia de uma atividade relativamente simples onde os procedimentos e/ou técnicas são descomplicados. Isso, porque, atualmente, existem inúmeras mercadorias produzidas e destinadas à pesca esportiva, viabilizando a prática para qualquer pessoa que queira então fisgar peixes. Entretanto, a pesca é mais do que uma atividade esportiva, ela transcende o ato de retirar peixes da água.

A frase de abertura do capítulo nos leva a refletir com mais cuidado sobre essa categoria; o pescador e essa atividade; a pesca. É certo que a fala do Mestre Chonca pode ser interpretada de muitas maneiras. Mas, antes de qualquer coisa, vemos diante do contexto, a necessidade de autoafirmação de uma classe que, aparentemente tem sua experiência superada pelas facilidades tecnológicas e, por isso, seu conhecimento tradicional a respeito do mundo da pesca tem sido dispensando, muitas vezes inferiorizado ou não reconhecido.

Historicamente, as relações entre as comunidades humanas e o mar são complexas e plurais, e, nesse sentido, Diegues escreve um livro intitulado “*a pesca construindo sociedades*”, onde nos mostra essas melindrosas relações. O liame entre os agrupamentos humanos e o mar, que se constrói em torno da pesca, viabiliza o desenvolvimento de técnicas e a criação de diversas ferramentas para a execução dessa atividade, que está também intimamente atrelada ao domínio do meio natural local, pois, este fornece a base material para a reprodução da pescaria.

Através da vivência com o mar, constrói-se também, uma forte relação de compadrio. Nesse quadro, não podemos deixar de fora a existência de certa hierarquização com base na experiência, esta, aparece na relação entre pescadores de uma mesma embarcação. Pode existir ainda, certo contrato social estabelecido entre os pescadores da comunidade em prol da organização da pescaria, eles estabelecem quando e onde pescar, configurando um tipo de territorialização do mar, como sugere Ferreira (2016).

destaco que os sistemas produtivos de pesca não são apenas procedimentos técnicos, mas “táticas de vida” e que a organização social dos pescadores ou a cultura da comunidade de pesca seriam “formas de existência social” e uma “prática através da qual os pescadores traçam sua identidade social”. (BRITTO, 1999 apud FERREIRA, 2016 p.25)

No Cabo, entendemos que a pesca se desenrolava como uma teia que atravessava e agregava o tecido social, fluindo como um costume central, convergindo dessa maneira às práticas cotidianas ao seu redor. E é nesse sentido que a pesca constrói comunidades que podem assumir características similares no que tange a relação estabelecida com o mar, mas também características específicas, diante da maneira com que se organizam e se reproduzem de acordo com o meio local. Se antes, no primeiro capítulo, tratamos do contexto histórico e cultural, que caracterizava o meio de vida pesqueiro Cabista, nesse capítulo, buscamos expor a especificidade da pescaria Cabista, a fim de criar um retrato mais bem desenhado do meio de vida pesqueiro de Arraial do Cabo que se desenrolava até meados do século XX.

## **2.1 A materialidade da pesca**

A pescaria cabista se caracterizava de maneira bastante heterogênea. Isso porque ela era composta por um conjunto de pescarias distintas. Através da fala do Mestre Chonca, ao longo das entrevistas, tomamos ciência das seguintes variações; pesca de linha, pesca de arrasto, pesca de cerco, pesca com anzol, pesca feita em traineiras, pesca realizada em canoa, pesca durante o dia, pesca realizada a noite, pesca na pedra, pesca em embarcações bem próximas à praia, pesca em embarcações em pesqueiros distantes.

A partir da memória dos pescadores entrevistados, focalizamos como a pescaria acontecia até meados do século XX. Nesse quadro, associamos a diversidade da pesca ao meio de vida pesqueiro de outrora. E, diante da grande variação na forma da pescaria cabista, nos colocamos distante do intuito de esmiuçar cada técnica em cada tipo de pescaria. Nosso objetivo é entender a (re)produção da pesca e caracterizar essa atividade como um costume central no meio de vida pesqueiro Cabista. Para isso, tomamos como escala a prática da pesca sem nos aprofundar em cada uma das pescarias.

Por vezes, daremos mais detalhes sobre os tipos de pescaria praticados pelas nossas testemunhas. Mas, como dito antes, objetivando compreender a pesca cabista de maneira generalista.

As primeiras canoas de Arraial vinham de Barra de São João, Barra de São João que hoje é cidade, tinha uma mata muito grande, tinha jequitibá, as canoas vinham de lá. Tem uma ali que o cupim destruiu que veio de maricá, depois que a cidade começou a crescer acabou com as árvores da baixada fluminense, começaram a trazer do Espírito Santo, do Espírito Santo acabou também, aí começaram a trazer do sul da Bahia. Essa aqui, aquela que tá ali e aquela ali, veio do Sul da Bahia, essa daqui veio do Espírito Santo. Quando vinha de Barra de São João, vinha de barco até Cabo Frio, de Cabo Frio pra cá o pessoal trazia remando até chegar aqui. Quando era de Maricá por exemplo vinha no trem, aqui tinha uma linha de trem quem vinha do Rio até Cabo Frio, tinha esses transportes. De Cabo Frio pra cá, era na canela né? E pela areia na praia, não tinha estrada. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

Quando estávamos na casa do Mestre Choca, vimos algumas canoas pelo quintal, e outras próximo à sua moradia. Naturalmente, associamos a origem das canoas à madeira da restinga, mas ele nos contou que as canoas do Arraial, embora feitas no Arraial, tinham a matéria-prima proveniente de outros lugares. No trecho acima, podemos perceber que o isolamento geográfico não foi impedimento para a pesca (pelo menos na maior parte do século XX). Diferente do que se pressupõe, a madeira vinha de diversos locais, o que de antemão já nos mostra uma rede de conexões da pesca fluindo para além da vila. Dessa forma, podemos perceber a pescaria cabista não como um fenômeno purista segregado no espaço, mas como um fenômeno social com características próprias, mas também com muitas influências.

Hoje se tiver um tronco eu acredito que em cerca de 30 dias eu faço uma canoa, mas antes, elas se cavam em 6 meses, porque era cortado tudo no machado, enxó e fogo, hoje tem o motosserra e rapidinho corta e prepara uma canoa.

(...) o pescador legítimo, ele já é artesanal, ele pesca a canoa, a canoa é o que? Artesanato! Uma canoa dessa construída é artesanato, o remo construído é artesanato, a rede construída no passado, não é a rede de hoje, é artesanato porque é tudo manual... artesanato já é essa pescaria nossa aqui, artesanal. O que veio, que ele só sabe matar o peixe, ele não é pescador, nem artesão, ele não sabe fazer nada, única coisa que ele sabe fazer é pegar o peixe, ele não domina, ele chega na loja e compra os angarejos, ele compra a linha na loja, compra uma bateria ou gerador, coloca as lâmpadas, entra no arco e vai pescar lula, ele só pesca lula, ele não sai pra ir pescar outro peixe, esse pra mim não é pescador! O pescador ele pega uma barra de chumbo tamanho desse celular seu e coloca em uma panela no fogo, derrete e ele faz a chumbada que ele precisa para ir pescar, ele faz uma chumbada chamado gambão, gambão é uma chumbada quadrada ou triangular, porque ela não rola durante a corrente na água. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

Se por um lado a matéria-prima das canoas vinha de outros lugares, por outro, a canoa era toda construída na própria vila. Um longo trabalho artesanal, aliás, a

pescaria realizada no meio de vida cabista se caracteriza como artesanal. Na fala do Mestre Chonca, percebemos certa tensão com o que são aqueles que o mesmo denomina “matadores de peixes”. Assim, através da diferença que ele faz, entendemos sua concepção; para ele, o pescador artesanal é o portador da técnica e da ciência, são os indivíduos que partilham costumes cabistas, que conhecem o mar, o peixe, além de construir manualmente os aparatos usados na pesca.

A restinga era fundamental, porque era de lá que se tirava o produto pra pintar a rede, era tirado de lá a raiz de murici, eu me criei lá dentro daquele mato, por isso eu conheço tudo lá, se você me perguntar onde tem um pé de Cambuí, eu sei onde tem, um pé de guapeba, eu sei onde tem, um pé de bagirú, qualquer fruta da restinga aí, eu conheço todos os pés, eu era pequeno eu ia pra lá, meu avô, minha mãe, minha tia, iam junto pra colaborar né? Cortava a árvore de murici, a árvore em si não serve, só serve a raiz, então chega lá, cava um pouquinho se a raiz estiver bem vermelhinha essa é a boa, aí derrubava a árvore e tirava a raiz, enchia o balaio do cavalo, e trazia, chegava aqui pegava uma madeira e começava a bater, bater, bater pra tirar a casca, depois que tirava a casca batia novamente em cima de uma pedra pra amassar a casca e sair o sumo da casca, pegava botava dentro de uma canoa dessa aqui, cada pescador pegava 7 latas de água, eu peguei muito para os 9 pescadores, 9x7 quantos são? Peguei muitas vezes, tinha outros que fazia também, e depois que aquela água ali pegava sol, esquentava, a gente jogava aquela raiz abatida, amassada, na água, a água ficava vermelha, no outro dia, a gente jogava a rede, no dia seguinte a gente tirava a rede. Além de tirar a raiz de murici, a restinga fornecia madeira pra fazer casa, as casa do pescador era tudo de pau a pique, fornecia o cipó pra amarrar, só não fornecia o barro porque lá não tem barro, pegava na roça velha. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

O livre acesso a natureza disponível funcionava como base fundante para a existência do meio de vida pesqueiro cabista. Estamos afirmando que, nesse momento social, ser pescador era mais do que uma profissão. Como já falamos, a pesca era o centro e convergia as práticas cotidianas para si, essas práticas eram construídas e compartilhadas coletivamente, florescendo assim um modo de viver e se relacionar com a natureza. Aqui, podemos refletir sobre como o meio local foi um fator extremamente significativo para a (re)produção social da pesca, pois, era da restinga que a comunidade retirava as bases materiais para a construção de ferramentas. Diante das fontes naturais que possuíam desenvolviam técnicas e saberes, construíam a própria vida.

Se no capítulo anterior entendemos como a natureza local fornecia as bases para a construção das casas, para alimentação, e até no tratamento de moléstias, agora podemos perceber essa base material construindo a própria pesca. O meio de vida pesqueiro cabista não seria ele mesmo sem essa relação com a restinga, sem a

liberdade de poder fazer uso da natureza circundante, essa relação era estrutural como pilstras que sustentam uma casa.

Na citação abaixo, podemos compreender como a relação com as bases materiais são significativas para a existência de um modo de vida;

A maneira como os homens produzem seus meios de existência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve considerar esse modo de produção sob esse único ponto de vista, ou seja, enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Ao contrário, ele representa, já, um modo determinado da atividade desses indivíduos, uma maneira determinada de manifestar sua vida, um *modo de vida* determinado. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o *que* eles produzem quanto com a maneira *como* produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção. (Marx e Engels, 2001 p.11)

Não iremos aqui especificar a base técnica dos instrumentos da pesca, ou mesmo esmiuçar os usos específicos das árvores e raízes. Quando trazemos a experiência dos pescadores com a restinga, fazemo-no com o objetivo de mostrar a importância dessa relação para a produção e reprodução da pescaria cabista. Mestre Chonca era pescador de canoa e praticava a pesca de arrasto. Por isso, a vivência que ele nos relatou nos ajuda a conhecer com mais profundidade esse tipo de pesca, e as técnicas empregadas nela, em relação à restinga, a raiz de murici que tingia a rede de vermelho servia para que o peixe avistasse a rede antes de tocá-lo, e, assim, não a mordesse com o susto como faziam com redes claras.

Do ponto de vista da materialidade, observamos que a (re)produção social da pesca se dava na relação com a restinga, através das práticas artesanais, e do desenvolvimento dos instrumentos utilizados na pescaria. Mas a atividade também estava subordinada as determinações do mar;

Seguinte, devido às águas, nem todo tempo as águas estão boas não, então o peixe se afugenta, o peixe corre muito para água boa. (Relato do Seu Doque, 2018)

Nós estamos passando por uma crise agora, mas na época da fartura também tinha crise, na época da fartura o pescador deixava de pescar porque não tinha pra quem vender, também tinha a época da dificuldade, e quando chegava a época da dificuldade tinha lá o caderninho pra comprar. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

A pescaria cabista é marcada pela imprevisibilidade da produção (BRITTO, 1999), ela depende dos ciclos naturais de reprodução do pescado. Devido o tamanho de suas embarcações e a capacidade que os meios de produção possuem, os

pescadores exploram um ambiente limitado. Nesse sentido, podemos ver a distinção entre a pesca artesanal e a pesca industrial. Moreno (2013) relata que a pesca artesanal sempre se deu através do uso de técnicas não predatórias e que essa categoria de pescadores mantinha uma relação equilibrada com a natureza. Não estamos colocando em pauta qualquer tipo de proteção ao meio ambiente praticada conscientemente por esses pescadores, mas mostrando que, diante da realidade técnica, existia um limite que não se ultrapassava. Por isso, naquele momento histórico e social, a trajetória relacional com o meio não violava a capacidade natural de regeneração do mesmo.

## 2.2 O espírito da companhia

A técnica de tingir as redes com a raiz de murici, como explicamos anteriormente, era muito utilizada pelas companhias<sup>7</sup> do Cabo. Aliás, a companhia é um tipo de organização pesqueira muito comum em diversos lugares do Brasil. Entretanto, nos interessa aqui, as memórias do mestre Chonca sobre a companhia Cabista; as experiências na canoa ao lado dos companheiros e as emoções e sentimentos vivenciados.

Os companheiros em si, a companhia como a gente chama, os 9 pescador é uma companhia, e então ali tem 7 homens dentro de uma canoa, ficava um lá no morro e outro na areia, e eu comecei na areia, com pouco tempo aprendi a ficar dentro da canoa com os outros (...)  
(...) a canoa é organizada com 9 pescadores, 9 pescadores em uma canoa dessa grande ai que tem uma rede de 200 metros, 300 metros é o máximo de uma rede nossa aí, então 4 pescador fica remando, 2 joga a rede, e um é o comandante, aí são 7, um fica na praia segurando a corda da rede e o outro é o vigia que lá no alto do morro dando o sinal do peixe. Cada espécie de peixe tem um sinal diferente, lá ele faz o sinal, quem tá remando tá de frente para ele, ai avisa pro comandante o sinal que ele ta fazendo; se é pra canoa sair mais pra fora, se é pra chegar mais para a areia, tudo o pescador sabe o sinal que ele está fazendo, cada peixe tem um sinal, são muitos e eu não vou lembrar de todos. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

---

<sup>7</sup> Tipo de pescaria realizada por 9 pescadores em uma canoa. Os pescadores utilizam a rede para cercar o cardume, e depois disso eles arrastam o cardume até a praia, essa pescaria também é denominada pesca de arrasto.

Esses sinais utilizados pelo vigia<sup>8</sup>, a fim de mostrar aos pescadores da canoa o tipo de peixe avistado, nos revela mais um pouco os saberes em torno da companhia, e aponta o nível de organização nesse tipo de pescaria. A prática da pesca descrita pelo Chonca expressa a ciência que a envolve, e, assim, reafirma a importância do conhecimento dos pescadores, que são indispensáveis, insubstituíveis mesmo diante os aparatos produzidos pelas fábricas para pessoas fisgarem peixes, afinal de nada adianta a isca artificial, as redes de nylon ou barcos potentes, se não há o conhecimento sobre a pescaria.

(...) o saber-pescar apresenta-se mediatizado pela tradição e pela experiência, conferindo-lhe especificidade. A pesca artesanal não depende apenas da posse de condições materiais à sua realização. O ato do saber-pescar envolve um conjunto de conhecimentos, experiências e códigos culturais transmitidos de pai para filho, recriados individual ou socialmente, através dos quais a parceria se realiza. Se a diferenciação econômica se evidencia – como proprietários e não-proprietários dos meios de produção, configurando uma parceria desigual – no plano cultural, no ato em si de pescar, a parceria relativamente se equaliza, pois o saber compartilhado é uma condição sine qua non da pesca artesanal. (CUNHA, 2000 p.107,108)

Retomando a reflexão sobre à pesca de canoa;

A companhia consiste em uma equipe de trabalho formada por 9 homens com funções específicas e articuladas, as quais possuem designações bastante peculiares: vigia, mestre, chumbeiro, corticeiro, proeiro, meeiro, reeiro, contra ré e cabeiro. (...) desses companheiros, o vigia e o cabeiro desenvolvem seu trabalho em terra, enquanto que os demais integram o pessoal da canoa. (...) o grupo de trabalho se divide em duas equipes: a de terra e a de mar. (BRITTO, 1999 p. 91)

Essa estrutura está presente em alguns livros, pois era muito significativa em Arraial. Chonca nos disse que o Cabo chegou a ter 56 canoas que se revezavam e iam ao mar saindo da praia grande, existia um rodízio, o chamado “direito da vez” (BRITTO, 1999), que garantia a companhia o dia que ela ia ao mar. Atualmente, Mestre Chonca é o único carpinteiro naval da cidade. Embora não vá mais ao mar pescar, recupera as canoas que ainda são utilizadas, e, lamenta pelas tantas que, em suas palavras, “estão se acabando” na frente de sua casa.

Nesse sentido, avançando sobre a questão do companheiro,

(...) mas lá no meio dos meus companheiros, sabe como meus companheiros me tratavam lá; era Major ou Pelé, porque Pelé é um bom jogador e o major tinha umas patentes no ombro, então como eu era um pescador bom, eles me colocaram esses apelidos. (Relato do Seu Doque, 2018)

---

<sup>8</sup> Ver Ferreira e Fialho (2013 p. 56,57)

Ao ouvir e transcrever todos os áudios das duas testemunhas que nos cederam parte de suas memórias sobre o assunto, ficamos nos questionando sobre essa repetida expressão, “companheiro”, e as impressões que nos causou. Foi intrigante ver que, mesmo com a clara hierarquia que existia entre os pescadores que iam juntos ao mar, concomitante também se achava uma forte relação horizontal entre esses homens. Sabemos que é possível nos lembrar de coisas boas e esquecer coisas ruins que nos aconteceu, e, por isso, a memória pode assumir um caráter nostálgico rememorando com saudade somente aquilo que é agradável.

Diante disso, questionamos o Mestre Chonca sobre essa relação de compadrio, tentando saber se também aconteciam desentendimentos entre os companheiros. E, mais uma vez nos encontramos no limiar da metodologia que adotamos, a história oral, pois, ele nos deu um sorriso curto, nos olhou despreocupado e então fez um gesto com a mão e apenas disse poucas palavras; “sempre tinha algum desentendimento, mas no outro dia estava tudo bem, era todo mundo amigo”. Aqui, registramos o contexto da resposta, a fim de chegar o mais próximo possível daquilo que foi falado, mas não é possível expressar no texto o sentimento, o brilho nos olhos, a respiração, etc.

Independente do que não foi dito, o nexu da resposta nos levou a discernir que existia uma forte unidade entre eles, e, certamente, esse quadro confronta-se com as relações de trabalho modernas que, no geral, divide, separa segundo formação acadêmica e estabelece uma clara distinção entre o patrão e seus subordinados. Talvez, por isso, para nós, seja mais difícil vislumbrar esse companheirismo e entender atividades produtivas isonômicas.

Diegues (1983) relata a realidade de amizade, companheirismo e solidariedade percebida, a partir do contato com os pescadores artesanais. Nada diferente do que encontramos na história de vida dos pescadores cabistas entrevistados. Como disse, ambos replicam muitas vezes a palavra companheiro, e não de maneira vazia ou distante da etimologia; o companheiro era o colega que no dia-a-dia ia ao mar pescar, mas também era o parceiro de conversa nas ruas da vila, era o vizinho que morava ao lado e ia junto na restinga pegar a raiz de murici para tingir as redes de pesca, era o amigo que pisava o barro junto com os outros e ajudava a construir a casa.

Sobre a repartição dos ganhos com a pesca de canoa, Mestre Chonca expõe a matemática aplicada ao pescado,

(...) eu comecei eu ganhava 7 peixes, 7 peixes não é uma parte completa, uma parte completa significa 8 peixes, pro pescador, se me perguntar quanto rende, eu não sei explicar, é de acordo com o montante, então eu ganhava 1 peixe menos que os outros, depois

que eu aprendi a remar, ai já desenvolvia a técnica, aí eu passei a ganhar igual os outros. (...) não, não existia nenhuma confusão não. Eu vou dar um exemplo, tinha um tio meu que ele era mestre de canoa, ele era bom pescador, podia tá de ressaca, podia tá calmo o mar, ele era o mestre, ele que ia comandando a canoa, mas quando terminava a rede de cardume ele era o primeiro a entrar na água, nadava muito bem, não sabia assinar o nome, mas quando o peixe saía da praia, vamos dizer, pegou mil peixe, tirava 100, separava, aqueles 100 peixe ia pro leilão, quem rematava aquele 100 peixe, rematava o montante todo, quando acabava o leilão ele já sabia quanto ia ganhar, ele não assinava nem o nome. Ele já sabia quando ele ia ganhar, era 14 e meio as partes, na memória dele ele dividia tudo, é o quinhão do pescador. A meia parte era da igreja, o restante era a parte de cada pescador, 5 parte era do proprietário. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

Nesse trecho cabe frisar que, independente da função que exerciam na companhia, mesmo com os distintos dispêndios de energia empregados na pesca, existia igualdade na repartição do produto. A divisão do quinhão<sup>9</sup> era predefinida e aceita por todos como BRITTO (1999 p. 118) aponta. Outro ponto que destacamos é a parte do montante destinada para a igreja, que nos mostra a forte conexão com a religião católica. No primeiro capítulo, comentamos sobre as festas religiosas que aconteciam no Cabo, pois era com essa parte da pesca que elas eram realizadas.

Retomando a reflexão sobre a atividade da pesca, Duarte (1999) explica que a companhia constitui-se em um trabalho pautado no coletivismo entre os pescadores. Essa camaradagem entre esses homens era fruto de vínculos sociais que eles possuíam enquanto comunidade de pescadores, devido às relações de parentesco, compadrio e fraternidade que se desenvolvem. A renda proveniente do extrativismo é partilhada, como vimos na fala do Chonca, logo, o bom desempenho em cada saída de pesca, alimenta o espírito da companhia, conferindo a todos que participaram uma parte do montante.

(...) a pescaria de rede (arrasto de praia) não se constitui em mera sobrevivência de uma técnica rudimentar de produção, mas na reprodução deliberada e possível de um sistema particular de vida social. (BRITTO 1999 p. 224)

A atividade produtiva praticada no Cabo não acontecia tal como nas típicas relações de trabalho capitalista. Os pescadores estabeleciam o tempo de trabalho considerando as condições do mar e do vento. Além disso, embora na canoa os pescadores exercessem diferentes funções, não as identificamos como cargos com mais ou menos valor, tanto que, na hora da repartição do quinhão o montante era dividido igualmente entre os pescadores da canoa. A lógica funcional da companhia os

---

<sup>9</sup> Repartição do valor gerado pela pescaria do dia entre os pescadores e o dono da canoa.

imputava formas organizacionais coletivistas, ou todos ganhavam ou ninguém ganhava. Além disso, o fato da lida no mar assumir caráter concreto para os pescadores, uma vez que o peixe também era alimento para a comunidade, recrudescia o cotidiano extrativista como parte da (re)produção social.

### **2.3 Território da pesca**

O conceito de território é muito importante para a geografia. Geralmente, seu uso está associado à área de soberania de um país e, por isso, corriqueiramente é compreendido através de uma perspectiva material. Entretanto, além dessa construção teórica, também podemos utilizar o conceito de território em outras escalas e de uma maneira simbólica, onde é possível falar das relações de poder entre atores sociais no espaço (Haesbaert, 2004). Sendo assim, esse tópico tratará das relações e disputas de poder travadas pelos pescadores no espaço cabista.

Na Praia Grande sempre se esperou o peixe lá no cantinho, ali na frente da praia, aproximadamente 2 quilômetros existia um pedaço de madeira fincado na areia, aquilo ali era um marco, então, determinada época do ano o pescador não passava daquele marco para o lado de lá, nessa costa aqui, se ele chegasse, ali onde tá o marco e tivesse um cardume de 100 mil peixes no outro lado ele não ia lá jogar a rede. Era proibido por lei do pescador! O costume do pescador! Se ele por ventura chegasse com a canoa 10 metros depois do marco ele tinha que dividir o montante que ele pegou pra todas as canoas, todos os donos, existia o respeito! Então, o cardume estava lá, 100 mil peixes do lado de lá, ele voltava com a canoa, chegava a tarde, tirava a canoa, guardava aqui, no outro dia, tinha outra canoa, se o cardume passasse do marco pro lado de cá, ele podia jogar a rede, então era respeitado. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

O trecho nos revela territórios coletivamente estabelecidos no mar pelos pescadores. Esses territórios são conhecidos como marcas da pesca (BRITTO, 1999 p.178). Além do revezamento dos dias em que as canoas iam ao mar, também existia o estabelecimento de locais próprios onde os pescadores podiam ir pescar, os marcos estabeleciam os limites de cada companhia, essa característica organizacional da pesca de canoa era muito forte e acontecia desde os tempos do avô do Chonca.

Através da memória do Chonca, podemos perceber como os acordos eram respeitados entre os pescadores, não existia nenhuma lei promulgada que os obrigava a cumprir o que foi combinado, as regras eram criadas por eles, e, eles, por eles mesmos, eram suficientes para fazer valer os limites estabelecidos. Nas palavras do Chonca; “era o respeito, o pescador respeitava o outro”.

Quando por algum motivo, o peixe era capturado fora do marco, segundo a “lei do pescador” era necessário dividi-lo com as outras canoas do dia. Em outras palavras, se as canoas que ficaram na labuta em seu marco estabelecido, e na hora do cerco do cardume (que está em movimento) ultrapassasse o marco, teriam de dividir igualmente com as outras canoas da vez o montante pescado.

Esses marcos estabelecidos, em determinadas épocas do ano, quando o peixe “custava a vir” e a pesca era deficitária, podiam ser ultrapassados para que todos tivessem a chance de pescar. Nesse sentido, podemos refletir sobre essas duas perspectivas; as redes de solidariedade que os envolvia na vila, e também o sufoco que passavam por depender de uma realidade produtiva tão variável, que os proporcionava o “tempo da fartura”, mas também o “tempo da dificuldade”. No tempo da fartura, quando “a pesca está dando” o pescador vive bem, a comunidade se torna farta, mas, no tempo da dificuldade, quando “a pesca não está dando”, quando “vinha a crise” as pessoas passavam fome, as incertezas batiam a porta e o momento se tornava penoso e difícil, como podemos ver no relato do Mestre Chonca,

(...) chegou um ponto que o respeito acabou. Aqui na praia grande teve um cidadão que ele avançou, passou do limite, a partir daí bagunçou, ninguém teve mais respeito, a ponto de um dos, comprar uma canoa, aquela que tá ali, com a borda azul e branca e o fundo vermelho, e levaram lá pra figueira, e ficaram pescando lá, então, eles pescando lá, impedia do cardume de anchova vir aqui. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

É difícil mensurar o momento histórico em que os marcos da pesca foram desfeitos e os motivos pelos quais os pescadores pararam de respeitar seus próprios combinados. Contudo, a questão para nós é registrar esses marcos como característica da pescaria cabista, e, além disso, refletir também sobre o fim dos marcos e o processo de mudança na pesca através da apropriação de outras técnicas e da disputa pelo território e convivência com outros atores. Vale salientar que a cultura da pesca não é uma estrutura rígida e imutável, ela assume outros contornos e rumos, por isso, do meio de vida pesqueiro às trabalhadoras e trabalhadores do mar.

Além da relação entre os pescadores, no que tange as disputas territoriais, existia uma forte tensão entre esses e outros atores que não eram pescadores;

A partir do dia que descobriram esse canto de praia aqui nós quebramos muita prancha, foi muito pescador parar na delegacia, foi, e hoje já estão todos mortos, eles colocavam respeito. Eu prendi a prancha de um filho de uma vereadora, eu prendi, ele disse que não tinha homem pra panhar a prancha dele, eu peguei a prancha da mão dele, e ele correu, ai o que eu fiz, passei a mão na quilha da prancha e deixei o sangue escorrer, e trouxe.

(...) eu tava aqui pela prefeitura tomando conta de um grupo exatamente para não entrar surfista na água, tinha os dias pra eles, semana santa eles podiam surfar, quando mar estava alto e não dava pra canoa entrar ele podia surfar, tinha os dias pra ele surfar! O dia que o mar tava calmo e a canoa estava esperando o peixe, não deixava eles entrar, existia uma placa com a numeração da lei da capitania dos portos, quando podia surfar e quando não podia. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

O território da pesca, nesse momento<sup>10</sup>, passa a disputar a legitimidade de seu uso com outros atores. Antes, a pesca funcionava como atividade hegemônica no mar da Vila do Arraial. Porém, o lugar ganha novos arranjos sociais, e outras demandas vão sendo construídas e em relação a pesca, vemos esses conflitos por conta das disputas de poder sobre o território. Aparentemente, os pescadores podem parecer territorialistas querendo o mar do Cabo apenas para eles. Por isso, questionamos o Mestre Chonca sobre os motivos pelos quais, sendo o mar tão grande, porque os surfistas não podiam usar um pedacinho dele para se divertir.

Eles assusta o peixe, o espanto. É que a canoa vai e fica lá no cantinho esperando o cardume, o cardume vem de lá, o surfista quando passa aqui assusta o cardume, tem peixe que se você correr da areia da praia ele se assusta com o seu andar, tainha por exemplo, se você correr na praia ela se assusta, a canoa não consegue prender ela, o cardume, o xaréu, se você correr na beira da praia ou fizer barulho, o remador que tá na canoa se ele fizer barulho com o remo na água assusta o cardume. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

Essa parte do relato é fundamental para entender o quanto esse meio de vida pesqueiro cabista era frágil. A questão não era fragmentar o mar, mas permanecer pescando, o que se tornava cada vez mais inviável com a chegada de pessoas e atividade ligadas ao turismo. O espanto de peixes muito falado pelo Doque e também pelo Mestre Chonca é o que explica as frases “a pesca arruinou”, “a pesca vai acabar” tantas vezes repetidas por esses pescadores. O território da pesca, depois do espanto, depois do fim dos marcos, já não era mais o mesmo. A pesca continuou, e novas configurações de poder se estabeleceram como veremos com mais cuidado no terceiro capítulo.

---

<sup>10</sup> Segundo Mestre Chonca década de 50.

## 2.4 Nuances na pescaria, nuances no meio de vida

O meio de vida pesqueiro cabista era marcado pela organização da comunidade em várias pescarias, essas, se davam com semelhanças, e diferenças, coexistindo na vila (BRITTO,1999). Como dissemos, o Mestre Chonca tem a experiência majoritária da pesca de canoa, da companhia, já o Seu Doque tem uma longa trajetória com a pesca de traineira, e, ambos, se reconhecem como pescadores, sendo assim, não iremos contrapor essas nuances, mas, expô-las, tanto em uma perspectiva da ordem produtiva e material, quanto através de um viés emocional e dos sentidos.

O responsável ganhava mais, eu sempre fui cuidador de barco, eu sempre fui mestre de barco, então eu ganhava mais do que os meus companheiros, eu era responsável por tudo. (Relato do Seu Doque, 2018)

Diferente do que vimos em relação à pesca realizada nas companhias, na pesca de traineira, existia uma diferenciação em relação ao valor recebido com base na função exercida, o mestre possuía mais experiência e responsabilidades como Seu Doque nos contou ele ganhava mais. Ainda assim, isso não conferia a ele equiparação à um patrão, ou à um dono de qualquer meio de produção, o último sequer estaria em alto mar chamando os pescadores de companheiros.

Nós Identificamos relações de hierarquia e subordinação nas falas dos pescadores em relação a lida no mar, mas, independente disso, a rotina na pescaria não acontecia tal como as típicas relações de trabalho e produção capitalistas. Podemos identificar essa perspectiva através da memória expressa sobre a relação entre os companheiros e também através de uma reflexão lógica sobre a relação com o tempo e com a natureza;

... o elo com o tempo natural prece persistir, regulando, ainda de modo relativo, as atividades do pescador artesanal. Basta ver a organização do cotidiano do trabalho de pesca, não marcado por horários definidos, e o modo como intercala sua atividade num ritmo que lhe permite certo controle do tempo. Nesses termos, parafraseado Evans-Pritchard (1978), a pesca é que impõe o horário do dia-a-dia, coordenando com seu tempo próprio as atividades a serem realizadas – não obstante, numa relação de subordinação ao tempo do capital. Se, por um lado, é possível delinear os movimentos básicos que diariamente são efetuados – saída à captura de peixes, retorno e processo de sua comercialização --, por outro, não se pode saber com precisão em que marcações do tempo esses movimentos se dão. É um tempo imprevisível e irregular. ... Como um atividade eminentemente irregular, o pescador tem sobre ela pouco controle, estando em direta dependência da natureza, de suas leis básicas – ventos, chuvas, marés – e do próprio ciclo de reprodução e emigração dos peixes. (CUNHA, 2000 p.104 e 106)

Vale frisar ainda que a atividade extrativista no Cabo se diferenciava da atual lógica de produção capitalista, pois, a pesca não era uma esfera separada do resto da vida. O ofício fazia parte da própria identidade social, era uma prática produtiva, e também um jeito coletivo de viver e construir o cotidiano.

Sobre as percepções acerca do pescador artesanal,

Seu Doque pescou de traineira quando era novo, depois de uma certa idade ele passou a pescar de barco mas de anzol, então seu Doque conhece a região inteira, de Macaé à saquarema, seu Doque ia lá pro alto mar, um lugar chamado Martins que é bem longe, os burros, isso quase na altura das plataformas, 5 horas pra dentro, e pra voltar as vezes é mais de acordo com o vento, então ele é o pescador, você chega lá ele tá com a rede na mão, não compra a rede. Ele é considerado pescador artesanal, ele é um pescador profissional, artesanal profissional, eu acredito assim. ...a traineira, por exemplo, ela tem uma parte artesanal mas tem outra parte que não é, que é motorizada. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

A fala do Mestre Chonca sobre o Seu Doque nos ajuda a compreender com mais clareza a concepção que possui sobre o pescador artesanal, que, embora possa ir ao mar pescar em uma embarcação motorizada, não deixa de ser pescador artesanal por isso, afinal, ele domina a arte da pesca. Em outras palavras, o pescador artesanal para o Chonca possui conhecimento sobre as “manhas do mar”, domina técnicas, conhece o lugar e tem acúmulo de vivência na labuta.

... a pessoa tinha que enfrentar o mar, a gente apanha muito para enfrentar o mar, eu apanhei muito do mar, entendeu? Para poder chegar nessa época, se eu fosse um pescador teimoso, temente, eu, por mim, não fazia nada, então, por isso, todo mundo, eles que diz, que eu sou um bom pescador, era um bom pescador, é bom a fama pelo outro, não que eu vou me gabar.

Eu andei perdido no mar, andei perdido uma semana, fui parar na água de Santos, fui obrigado até a colocar os peixes fora que eu matei porque estava sem gelo, e então eu fiquei só tomando gole de água com açúcar, eu e meu filho, o mar lá é bravio, carregou tudinho, só salvei esse gaburãozinho de açúcar e de água, a nossa salvação ta aqui, de segunda até domingo só tomando gole de água, porque o mar carregou tudo. Vão dizer assim; é história de pescador. Não, tem pescador que é relaxado, ele mesmo não tem autoridade com ele, mas eu não, eu falo aquilo que aconteceu comigo, eu não sou de botar conversa fora, o mar me derrubava, me machucava, machucava a costela. (Relato do Seu Doque, 2018)

A história oral tem a capacidade de nos aproximar das testemunhas, nos fazendo reviver, a partir da memória do outro, parte das emoções experienciadas. Nesse momento da fala, obviamente nos angustiamos com a história que estávamos ouvindo, imaginamos as ondas enormes, os perigos, os medos... Mas, para, além disso, aqui, podemos enxergar essa face da pesca que muitas vezes não aparece. No

mar, a horas da costa, muitas coisas podem acontecer e mudar em absoluto os planos dos pescadores. Estamos falando de uma natureza absolutamente indomável para as humildes embarcações dos pescadores artesanais do Cabo, que, mesmo conhecendo os locais de pesca, e o tempo, podem ser surpreendidos com grandes ondas e fortes ventos (FERREIRA E FIALHO, 2013). Então, a pescaria, tão irresistível e sedutora que nos foi apresentada é também risco de vida.

Ambos os pescadores nos disseram que não se deram bem trabalhando em outros lugares e que gostavam mesmo da pesca, assim, tornou-se latente a seguinte questão; Por que eles preferiam essa atividade mesmo com tantos revezes?

pela cegueira do mar, pela pescaria. Eu trabalhei seis meses, eu que fiz por onde mesmo, o patrão me colocou para fora, realmente não me adaptei não! Nunca adaptei trabalhar empregado não! Eu gostava de trabalhar por minha conta própria ...eu preferia tá dentro do mar, trabalhando à minha vontade. Sempre tive essa vontade, trabalhar por minha conta própria. (...) eu nunca gostei de colocar gravata no meu pescoço não. (Relato do Seu Doque, 2018)

Não sei! Eu não sei explicar a razão porque eu gostava de tá no mar, no mar eu tava sem camisa, naquela época não usava bermuda, era calça curta, então eu gostava de tá no mar, de ficar o dia todo sem camisa, um dia igual hoje, eu tava dentro da canoa. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

Na primeira fala, identificamos que mesmo com toda a imprevisibilidade e perigos da pesca, ela ainda continuava sendo o lugar de satisfação para o seu Doque. Antes, ele havia dito que ser pescador era a sua natureza, logo, percebemos que em um trabalho formal, essa “natureza” seria em grande parte contrariada, pois, estar em um emprego de carteira assinada lhe imputava algumas normas como, respeitar o tempo do relógio, seguir funções estabelecidas, se acostumar com uma rotina absolutamente diferente da prática produtiva que viveu por décadas. Na segunda fala, vemos a liberdade enfatizada, que, assim como a natureza do Doque, se chocava contra a estrutura do trabalho abstrato<sup>11</sup>, em outras palavras, “...na pesca, a arte de saber pescar lhe assegurava um lugar em uma companhia, onde não havia cartões de ponto para controlar sua entrada e saída entre muros, mas o céu, o mar e as areias da praia” (PRADO, 2002 p. 92).

Esse cotidiano no mar, associado à pesca, se configurava também como uma realidade repleta de sentimentos, como podemos observar no trecho a seguir,

A pescaria ilude a pessoa. Eu nasci pescando e vivo pescando, mas a coisa de mais ilusão é a pescaria. Isso aí parece que tem uma

---

<sup>11</sup> Conceito utilizado para referir-se ao trabalho alienado onde o produto produzido através do trabalhador não possuía utilidade para o mesmo, o trabalhador gastava sua energia vital na produção de alguma mercadoria pois em troca receberia dinheiro (Trenkle, 1998).

atração que atrai a pessoa, que sai daqui, mas o pensamento fica todo aqui. Então o camarada tem que perder todo o sentido de tudo que é lutar só pra aquilo donde está; deixar como nem existisse a pescaria, porque se ele levar o pensamento na pescaria, ele não fica em lugar nenhum. Ele volta (pescador de arrasto de praia) (BRITTO, 1999 p. 161)

Ainda nesse sentido, Chonca nos fala do trabalho na CNA e na pesca, e expressa assim como o pescador acima, esse mistério que atraía os pescadores para o mar,

Eu por exemplo trabalhava lá, trabalhei 15 anos, mas eu não deixei de pescar, eu trabalhava à noite, eu pescava de dia, se eu trabalhava de dia eu pescava à noite. ...É! Cegueira do mar mesmo! Não era nem por necessidade, e eu, posso dizer que eu pescava, trabalhava lá, e pescava durante o dia, não era por necessidade não, lá a Álcis sempre pagou bem! E eu era solteiro, eu podia viver muito bem daquilo lá, mas a cegueira da pescaria, com 13 anos eu comecei pescar, a cegueira de vim pescar era assim, depois eu trabalhava de dia, ai ia pescar de noite, passava a noite, teve uma época que eu fiquei 7 noites pescando, sete noites pescando, eu não tava mais sendo empregado, eu tava pescando de canoa, no sétimo dia, eu fui lá pra praia do farol, ai o pessoal foi fazer o café da manhã, e eu e meu companheiro sentamos em um monte de areia, quando nós levantamos, tava meio corpo assim, pra um lado só areia, que o sol quente, o suor foi caindo foi molhando a areia e nós ficamos ali, acordaram a gente pra almoçar, que foi 7 dias sem dormir. Mas isso ai não era nem por necessidade, era por safadeza mesmo. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

A pescaria cabista, tal como estamos observando, era desejo e pertencimento. Era lugar de satisfação, e, como as histórias sobre os cantos de sereia, a pesca seduzia os nativos. Para nós, essa questão se torna um intrigante mistério, ora, se não iam por necessidade, iam por quê? Perguntamos muitas vezes o que havia na pesca que gerava toda essa “cegueira do mar”, mas eles sorriam e diziam que não sabiam dizer! Sendo assim, ficamos com essa questão aberta, e, talvez, seja ela, uma das mais importantes para esse trabalho, mas, diante de tudo que ouvimos, não nos parece correto dizer o que por eles não foi dito, e que claramente não foi dito porque existem sentimentos que não se explicam, que ultrapassam a fala e a escrita. Por isso, deixamos para os leitores as conclusões sobre essa pergunta.

Se olharmos para além das nuances que nos enfeitam no meio de vida pesqueiro cabista, e nos direcionarmos para outros aspectos da ordem social, perceberemos a existência do machismo, do racismo, de rixas entre pescadores de diferentes praias e certa aversão aos ditos “de fora”. Obviamente, não podemos descolar os indivíduos de seu tempo e contexto social. A inferiorização das mulheres e discriminação racial estão inseridas em um contexto ideológico que ultrapassa a escala do indivíduo. Essa realidade não pode passar por nós sem ser problematizada.

“tem mulher metida, é mulher que quer ser homem, eu vou dizer uma coisa pra você eu discordo da mulher na função do homem, o homem é o homem, é o cabeça da mulher” (Trecho de entrevista com Bonifácio). (FERREIRA, 2016 p. 23)

O gênero feminino era inferiorizado e limitado, em relação à pesca, ao falar da vila do Arraial. Ferreira (2016, p.24) diz que exaltavam a figura masculina e colocavam a feminina em segundo plano de agência. Nesse tempo, o mar que seduzia os homens era proibido para as mulheres. Assim, a pescaria cabista coexistia com esse “muro erguido”, que excluía as mulheres da pesca, e tornava tudo mais difícil para as mulheres que viviam junto desses homens e tinham suas vidas assim, como a deles, absolutamente atravessada pela pesca.

Como vimos na citação, existia uma forte influência da religião cristã na construção desse pensamento, onde o gênero masculino era compreendido como superior, como o líder nato da mulher. Ora, diante disso, podemos refletir com mais sensibilidade sobre o cotidiano de liberdade dessas mulheres, que se por ventura estivessem insatisfeitas, fossem desrespeitadas, ou apenas quisessem viver não sendo esposa de um homem e dona de casa, sofreria e teria de lutar com todo esse pacote ideológico que figurativamente fazia a cabeça da comunidade. Nesse sentido, para tantas, o meio de vida pesqueiro Cabista foi uma prisão.

Além da questão de gênero, também existia o problema da discriminação racial, pessoas negras eram excluídas e evitadas em relacionamentos amorosos, “os cabistas da Praia Grande acusam os da Praia dos Anjos de racistas, intolerantes e agressivos” (Prado, 2002 p.61,62). Era a Prainha que concentrava a maior parte da população negra da vila, e, segundo a autora citada, os casamentos entre brancos e negros geralmente ocorriam entre os moradores da Prainha e os moradores da Praia Grande. No Cabo, existiam lugares de negros e lugares de branco, a pequena vila isolada não estava isenta de reproduzir um padrão de segregação racial comum em outros lugares do mundo. A socialização em torno da pesca organizada sobre pilares de fraternidade e igualdade (entre grupos) também coexistia com o racismo em sua estrutura, na comunidade local.

Britto (1999) fala da rixa existente entre a Praia Grande e a Praia dos Anjos, mostrando como essa realidade de pesca e coletivismo é questionável e deve ser problematizada. O compadrio era real entre os pescadores de uma mesma praia, mas não acontecia de maneira absoluta, esse racha era muito tenso e não se findava na pesca. O território do arraial era dividido, disputado, a autora relata um episódio esdrúxulo onde até um cemitério foi alvo das tentativas de separação.

A reprodução desses fenômenos sociais terríveis que apresentamos aqui são uma face da contradição social instalada no espaço Cabista, onde se via

companheirismo também se encontrava segregação. A igualdade caminhava próximo da diferença, e toda liberdade expressa pela pesca só se concretizada para um dos gêneros, sendo assim, o meio de vida pesqueiro cabista tem seu lado poético e admirável que nos ajuda a repensar nossa ordem social, mas também tem uma face sombria que certamente não gostaríamos de repetir.

## **2.5 A ruptura com o meio de vida pesqueiro e a continuidade da pesca**

A fábrica de gelo ajudou muito o pescador, porque antes, era dois motivos, o primeiro, o peixe ia pro sal, era salgado, sai do mar, o pescador que não estava pescando naquele dia, ia pra lá limpar, as mulheres de pescador ia salgar, e o peixe ficava guardado 10, 15 dias, o pescador só ia receber o dinheiro depois que o indivíduo vendesse o peixe. ...em 45 ou 50 que aí fez a primeira fábrica de gelo aqui, não me lembro o ano mas a Álcalis já estava aqui, só não tava funcionando, não tava montada. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

Com a construção da Rodovia General Bruno Martins, a pesca passou a atingir cidades de outros estados e as técnicas de conservação e distribuição do pescado, modificam-se em detrimento dessas novas demandas (PRADO, 2002). Com a utilização do gelo para a conservação do pescado a salga que era um costume importante para a reprodução social da pesca, pois, socializava os mais jovens para a atividade, deixou de ser praticada, e assim, a conexão que existia entre as gerações através desse costume foi rompida.

A utilização do gelo em Arraial do cabo foi um processo. Inicialmente a ruptura com a salga não significou maior valoração para o pescado, apenas com a utilização de carros que eram capazes de manter o peixe gelado, o pecado de fato obteve mais valor, a fala a seguir nos revela isso,

Aí o que acontece, colocava o peixe em uma caixa de madeira, não era caixa de plástico não, pegava as folhas dessas aí e de outras palmeiras que tinha aqui na restinga, e colocava em cima do gelo, mas quando chegava no Rio, o peixe chegava mole, o caminhão aberto, não tinha o carro Baú, o caminhão de carroceria, quando começou o gelo o caminhão era aberto, sem proteção nenhuma, então a proteção era as folhas que colocava em cima do gelo pra

segurar mais o gelo, quando chegava no Rio, chegava sem gelo, ele ia desmanchando com o vento, com a temperatura, aí chegava no rio sem gelo, chegava mole, não tinha grande valor. Depois que veio a caixa de gelo, veio o carro baú, aí que valorizou porque o peixe chegava lá fresquinho. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

A inserção de aparatos técnicos na produção pesqueira conferia mais alcance à pescaria. Além do pescado obter mais valor, pois, nesse momento, o peixe chegava gelado para o comprador final. Diante da valorização do pescado, os ganhos ultrapassavam a subsistência e, sobre isso, Mestre Chonca nos disse que, “Antes, ganhava também, só que a vida era mais difícil, só que era tudo mais barato, não existia turismo, não existia o que você vê hoje, um monte de barco de fazer turismo, as praia cheia, não”.

Para Mestre Chonca e Seu Doque a vida na pesca passou por momentos polares, por vezes precisavam comprar fiado por não ter dinheiro, em outros momentos foram donos de casas e de barcos.

comprei um caminhão, perdi na época um dinheiro grande, bom, no caminhão, o que sobrou eu comprei um barco, aí me deu dinheiro a vontade, deu dinheiro pra mim criar minhas filhas, deu dinheiro pra mim passear, tudo que eu desejei na vida, não tenho arrependimento da pescaria por isso, e eu me aposentei como pescador. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

Eu criei 13 filhos só com o movimento da pesca, inda adquiri um, duas, três casas, adquiri três barcos, com a pesca. (Relato do Seu Doque, 2018)

Esses relatos nos foram dados cheios de saudosismo e orgulho. A partir de suas falas, deduzimos que ambos foram bem sucedidos, mas ainda assim, eles não tratam a pesca como uma boa alternativa nos dias de hoje. Muitas vezes comentaram que o “peixe acabou” e que a “pescaria arruinou”, como vemos no trecho a seguir:

como pescador eu não levava meus filhos para me acompanhar não, porque eu tinha um pouco de visão. Atualmente, vinha tudo no meu coração o que ia acontecer agora. Eu sempre dizia pra minha esposa, ela dizia Doque é bom você levar seus filhos para te acompanhar, eu dizia não Natália eu não vou levar não porque a pescaria só vai à pior, e quero que ele procure um serviço por conta dele, eu não vou colocar ele no mar não. Então, desses homens eu tenho um que é pescador, que me acompanhava de teimosia né? Ele ficava teimoso eu não ia colocar ele para trás. Então os outros, eu falei assim, ó vocês quando crescer vocês vão se apresentar para as forças armadas, e aí tem o privilégio de ficar a vontade para procurar um serviço para vocês, mas também eu não coloquei nunca filho em pesado não. (Relato do Seu Doque, 2018)

Essa perspectiva se dava em um momento de muitas transformações socioespaciais em Arraial do Cabo. A fala do Seu Doque nos mostra como o próprio

pescador enxergava seu trabalho diante dos outros. Obviamente, esse olhar não é natural, a desvalorização desse ofício está associada aos ideais da modernidade que segundo VINCO (2017) se constitui com base na razão iluminista, como um projeto de desenvolvimento econômico e técnico, onde o homem domina e supera a natureza. Além disso, as outras formas de sociabilidade fora desse contexto são compreendidas como incivilizadas, como uma fase anterior do progresso que virá. Esses ideais iam de encontro com os costumes locais, que, passaram a ser desqualificados e com isso, a identidade associada à pesca se tornou um estigma (PRADO, 2002 p. 97).

Ser pescador, como acabamos de ver é possuir um ofício tradicional, e, por assim dizer, marginal, pelos sentidos que essa tradição assume dentro da ideologia modernizante instaurada no Cabo. A pesca passou a ser considerada, por alguns, como refúgio de desempregados e último recurso para quem não quer passar fome. (PRADO, 2002 p. 99).

Em relação às transformações na forma de pescar, em parte, as canoas vão sendo substituídas por traineiras. Ambas as embarcações enfrentam a instabilidade e imprevisibilidade dos cardumes, do tempo, do mar, por isso, não apresenta rupturas ou mudanças radicais em relação à pescaria realizada em embarcações não motorizadas. Na verdade, as traineiras apresentavam melhores condições de desempenho produtivo. Duarte (1999) classifica esse processo como um “continuum aperfeiçoado”. Em outras palavras, a utilização de embarcações motorizadas significaram materialmente a continuidade da pesca com maior possibilidade de ganhos econômicos. E como entendemos, a partir da fala do mestre Chonca, o pescador que vai ao mar com a traineira não deixa de ser pescador artesanal por isso.

A cultura da pesca se alinha a outras técnicas e agrega outros saberes, como identificamos na experiência dos pescadores entrevistados. Por isso, afirmamos a continuidade da pesca mesmo com a ruptura do meio de vida pesqueiro Cabista. A pesca segue enquanto cultura, ciência, saber e trabalho, mas, ela não é mais majoritária na vida das pessoas e no lugar. Ou seja, a pesca deixa de atravessar toda a vida da comunidade e convergir os costumes cotidianos para si.

Precisamos explicar dois grandes fatores de injunções de mudança em Arraial do Cabo que repercutiram com muita força sobre o meio de vida pesqueiro Cabista e a pesca, o estabelecimento e o funcionamento da CNA e do Turismo.

... ninguém sabia nada no Arraial Cabista, você não tinha profissão, e hoje em dia tem muita gente com profissão as custas da Álcalis, tem carpinteiro, tem mecânico, as custas da Álcalis, todo mundo falava, mas depois foi adaptando com a companhia, está me entendendo? E aí ficou todo mundo quieto, e agora depois que ela trabalhou tanto

esses anos, fechou, todo mundo acha ruim da companhia fechar, porque estava todo mundo adaptado na Álcalis, porque empregou muita gente de todos os lugares, o Cabista então, dentro de casa se entregou, apreendeu profissão, e muita coisa, enfermeiro também, todas essas finalidades, e depois que ela fechou todo mundo estranha. (Relato do Seu Doque, 2018)

Arraial do Cabo viveu única e exclusivamente disso aqui, dessa pesca, até a Álcalis chegar, depois que a Álcalis chegou, mudou o panorama, muito pescador deixou pra ir trabalhar, porque lá tinha garantia, como muito amigo meu se aposentou por lá. Eu me aposentei como pescador! Que eu saí de lá fui pescar, arruinou a situação, voltei a trabalhar lá, terceirizou, trabalhei 8 anos, era carteira assinada e tudo, quando eu saí, foi na época que eu me separei. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

A pesca era inconstante e, por isso, o sustento através da mesma era motivo de muita insegurança. Mas, o fator de atração para a CNA não era apenas garantia de um salário fixo ao final do mês. A fábrica foi construída sob um pacote ideológico que, como dito antes, colocava em cheque a vida rústica centralizada na pesca. Sendo assim, trabalhar na CNA significava ter uma profissão, afastar-se dessa identidade de homem do mar e garantir um futuro dentro do contexto desenvolvimentista em curso no Cabo.

Os ideais da modernidade paulatinamente foram introjetados no seio da população nativa como observamos na citação a seguir,

as mudanças decorrentes do avanço da economia predatória apareceram desde 1956, quando as obras da fábrica começavam a entrar em estágio avançado. Úrsula Abershein detectou a partir dessa data, um crescente desinteresse dos habitantes locais pela atividade pesqueira e uma manifestação crescente em adaptar-se aos novos padrões culturais da modernização. Assim, o interesse por jogos, brincadeiras e histórias tradicionais era substituído por novas formas de divertimento como o cinema e os clubes. Acordar cedo, parte de uma vida sujeita a uma rotina e horários rígidos, não permitia mais o serão, pra não perder a hora do trabalho na construção da CNA. O contato com o mundo moderno, com as notícias, as novidades, com os livros, revistas, jornais, o rádio e a televisão mudavam a vida dos cabistas. (PEREIRA, 2009 p.193)

Nesse sentido de mudanças e rupturas, não poderíamos deixar de falar do turismo e de suas repercussões, como bem cita seu Doque ao dizer que,

esse porto aqui (Praia dos Anjos) era um porto sem embarcações quase, mas de acordo com o movimento que se multiplicou eu sei de onde é essas escunas, ta tudo tomado, aquela marina que está lá era toda livre. Aquela marina que está lá que o Dr. Hermes construiu, colocou o nome daquela marina ali, marina dos pescadores, nosso! O barquinho pequeno era para encostar lá, mas hoje em dia não tem autoridade, ah lá, tomaram tudo aquilo ali, aquilo ali era aberto,

não tinha aquilo tudo que está lá, as escunas tomaram conta dos barqueiros. ...Tiraram o espaço do pescador, não tem colocação para colocar os barcos de pesca, os quiosques prejudicaram também os pescadores. Mas em todo lugar é a evolução dos tempos também, excessivamente agora nesse tempo está assim. (Relato do Seu Doque, 2018)

Atualmente o mar de Arraial do Cabo é navegado por muitas pessoas. São inúmeras embarcações, e, embora muitas traineiras e canoas estejam no mar pescando, tantas outras embarcações estão no mar por conta do turismo. Essa atividade teve um impacto muito forte na pesca, tanto por conta do “espanto” que como já mencionamos que são ações que afugentam o peixe, e segundo os pescadores “causa ruína na pesca”, quanto por disputar o território do Cabo e excluir e/ou marginalizar o espaço dos pescadores das praias.

Como se percebe a atividade da pesca é negativamente afetada com o turismo. E, se por um lado o pescado ganhou mais valor por causa da conservação, como o Chonca nos disse, a vida no Cabo também havia se tornado mais cara. Ao colocarmos em uma balança as perdas e os ganhos, percebemos que o pescador se tornou mais vulnerável pois, de tempos em tempos ocorria a crise na pescaria pela baixa de peixes, e diante das atividades turísticas e do grande número de pessoas nas praias, o “espanto” se tornava ainda maior, fragilizando ainda mais a pescaria.

O somatório das injunções de mudança causadas pela CNA, pelo mito da modernização e pelo crescimento da atividade turística na região transformou radicalmente o Cabo. Após a década de 50, a bucólica vila passou por um grande processo de urbanização. Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano a taxa de urbanização do município alcançou 100% de sua população, essa, encontra-se predominantemente empregada no terceiro setor da economia. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta um amplo crescimento populacional. Desde 1991, Arraial do Cabo cresce acima da média nacional. Nesse mesmo ano, possuía quase vinte mil habitantes e, atualmente, sua população estimada é de 29.304 habitantes.

O “Cabo de terra”, agora é cidade turística. Arraial do Cabo -- capital do mergulho -- caribe Brasileiro. Como seu Doque nos disse; “é a evolução dos tempos também, excessivamente agora nesse tempo está assim”. E ao falar desse tempo ao lembrar do tempo que passou, cabe salientar que a história é um bem que não deve ser apagado no presente. A memória é um caminho pelo qual precisamos andar;

Só conhecemos o futuro através do passado nele projetado. Nesse sentido, a história é tudo que temos. Porém o passado, por sua vez, é algo que nunca poderemos possuir. Porque quando percebemos o que aconteceu, os fatos já estão incessíveis para nós: não podemos

revivê-los, recuperá-los, ou retornar no tempo como um experimento de laboratório ou simulação de computador. Só podemos rerepresentá-los. Podemos retratar o passado como uma paisagem próxima ou distante. (GADDIS, 2003 p.17)

Ora, aquela paisagem que vislumbramos através da memória dos nossos pescadores pouco a pouco foi sendo descaracterizada. Agora, nesse tempo, algumas possibilidades nos cabem; lembrar e sentir saudade de uma realidade materialmente inacessível. E, de alguma maneira resistir ao lado dos que insistem em existir em uma lógica de vida que foge ou contraria os ideais da modernidade.

### 3 Cotidiano pesqueiro: conflitos e resistências

Descrevemos, no capítulo anterior, como o território da pesca no Cabo era organizado e utilizado hegemonicamente pelos próprios pescadores. Após a década de 50, novos sujeitos passaram a competir com os pescadores a utilização desses territórios. Inicialmente, os surfistas começaram a ganhar espaço no canto da Praia Grande. Posteriormente, com o funcionamento da CNA e com a intensificação do turismo, a cidade de Arraial do Cabo passou a ter mais visibilidade, e, por isso, atrair mais pessoas. Os banhistas começaram a lotar as praias e migrantes com outras técnicas e embarcações passaram a pescar e/ou utilizar o mar para realizar passeios turísticos.

Diante do grande contexto de mudança socioespacial e da utilização dos recursos naturais locais, em 1997 foi criada a primeira Reserva Extrativista Marinha (RESEXMAR) do Brasil em Arraial do Cabo. Oficialmente, o objetivo de criação da RESEXMAR é “garantir a exploração auto-sustentável e a conservação dos recursos naturais renováveis, tradicionalmente utilizados para pesca artesanal, pela população extrativista do Município de Arraial do Cabo”, como consta no decreto de criação da RESEXMAR<sup>12</sup>.

A reserva em questão está localizada ao longo do litoral de Arraial do Cabo, desde a Massambaba até a praia do pontal. Essa localização inclui 3 milhas na faixa marinha da costa de Arraial do Cabo, totalizando pouco mais de 56 hectares de lâmina de água. Na imagem abaixo podemos visualizar todo o território da RESEXMAR:



Imagem 2: Mapa da RESEXMAR . Fonte Mar sem fim

<sup>12</sup> Decreto de 3 de janeiro de 1997.

Através das histórias de vida do Mestre Chonca e do Seu Doque, das memórias que eles compartilharam, entendemos que a pesca era organizada pelos próprios pescadores, que existiam muitas tensões e disputas territoriais no mar cabista. Mas o que queremos destacar é que a organização da pescaria fluía através das relações e regras estabelecidas pelos próprios pescadores. E, por isso, nesse capítulo, a partir dos nossos entrevistados e das percepções que tivemos ao dialogar com a Pescarte<sup>13</sup>, iremos falar sobre os conflitos relacionado aos usos do mar, descrever a organização da pesca através da RESEXMAR, e, além disso, refletir sobre as atividades exercidas por aqueles que definimos como trabalhadoras e trabalhadores do mar.

Nesse capítulo, contamos também com o depoimento do pescador Boníssimo, filho mais velho do Seu Doque que, em suas palavras, nos disse ser ele o único dos 13 filhos que “deu para a pesca”. Atualmente, ele pesca na Prainha com seus parceiros, as embarcações usadas para a pesca são de terceiros. Por isso, Boníssimo nos relatou a luta para conseguir uma embarcação própria, isso, às vésperas de sua aposentadoria que, segundo o mesmo, já está para sair.

### **3.1 Notas sobre a RESEXMAR e a organização dos usos do território da pesca**

Eu tenho a carteira “A” também, eu tenho a “A” e a “B”, a minha carteira tá ali na vitrine, de 1957, eu tava com 17 anos só, eu nasci em 40, tirei carteira na marinha pra não servir o exército. . Eu sou pescador, tenho uma carteira ali de 1957, carteira de pescador, que isso não existe mais, foi tirado na marinha, eu não tenho direito.

... Essa semana teve um aqui, o pai dele era comprador de peixe, nunca foi pescador, o pai dele era comprador de peixe, de sal pra salgar, e vendia, ele nunca foi na praia pescar, recebeu 5 mil e 200 reais, foi no ICMbio deram uma carteira pra ele deu entrada e recebeu o dinheiro. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

Atualmente, a compreensão sobre a organização e uso do espaço pesqueiro de Arraial do Cabo é demasiadamente difícil, a fala do Mestre Chonca nos revelou

---

<sup>13</sup> O Projeto PESCARTE tem como sua principal finalidade a criação de uma rede social regional integrada por pescadores artesanais e por seus familiares, buscando, por meio de processos educativos, promover, fortalecer e aperfeiçoar a sua organização comunitária e a sua qualificação profissional, bem como o seu envolvimento na construção participativa e na implementação de projetos de geração de trabalho e renda. (PESCARTE, 2017).

isso. No momento da entrevista, falávamos sobre o defeso<sup>14</sup> e ouvimos sua crítica. Entretanto não desejamos julgar o que é justo do ponto de vista da lei, queremos através dessa fala expressar aquilo que nosso entrevistado compartilhou a partir de suas memórias e, percebemos ao dialogar com o pescador, a complexidade entorno da organização do território da pesca.

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é o órgão responsável pela organização e fiscalização do Plano de Utilização<sup>15</sup> da RESEXMAR. Nesse plano são estabelecidas regras para a exploração da fauna marinha através do extrativismo e, também, da utilização do território em atividades turísticas. Os conflitos relacionados ao cumprimento das regras e às novas demandas relacionadas aos usos da reserva fica à cargo do conselho deliberativo. Este é formado por diversas instituições e comunidades. Em um dos documentos<sup>16</sup> publicado em 2010 pelo órgão gestor, observamos as seguintes representações: ICMBio; IBAMA; Marinha; INEA; COMAP; ATAC; ATURNAC; Associação das Empresas de Mergulho Recreativo Turístico e Lazer de Arraial do Cabo; AMA Praia Grande; AMA Morro da Boa Vista; AMA Praia dos Anjos, AMA Cabloca; AMA Prainha; Prefeitura Municipal; Colônia de Pescadores Z-05/ Arraial do Cabo; PAC; ACRIMAC/RJ; APESCARPA; APESCAC; AMAREC; APATAC; APAPP; UEPA/RJ; AREMAC; ABTBPA; AVPTBA; Representante da Comunidade de Pescadores da Prainha.

Como se observa, são várias frentes de representação, com distintos interesses se confrontando e construindo os caminhos da RESEXMAR de Arraial do Cabo, por conseguinte, os próprios rumos da pesca no lugar. Para participar do Conselho, deliberativo é preciso fazer parte de alguma associação, o que contribui para a diversidade de associações representativas. Ao visitar a PESCARTE, conversamos com pesquisadores que apontaram as diversas tensões em torno dessa composição. Os interesses dos empresários do turismo *versus* a divisão dos pescadores, por suas disputas internas, foi destacado na conversa. Nesse trabalho, nosso objetivo não é detalhar as regras de utilização da reserva, tão pouco teremos fôlego para analisar a materialidade das reuniões do conselho deliberativo. Nesse, momento buscamos expor esse “mar de disputas”, visto que este foi um ponto citado nas entrevistas com os pescadores, a fim de revelar como as atividades ligadas ao mar estão sendo reguladas.

---

<sup>14</sup> O seguro defeso é uma política pública instituída pelo governo federal, que concede renda ao pescador artesanal durante um determinado período do ano onde a pesca é proibida.

<sup>15</sup> ICMBio, Plano de Utilização da RESEXMAR de Arraial do Cabo.

<sup>16</sup> ICMBio, Portaria de criação do Conselho da Unidade de conservação, 2010.

Antes de avançar, salientamos que o território pesqueiro de Arraial já era alvo de disputas e divisões antes da criação da RESEXMAR, como bem cita Mestre Chonca

Chama um desse aí, que aqui pra nós Cabista, desculpe aí vocês, se alguém é do Espírito Santo, de Campos... A gente chama de Caringô, sabe? A gente chama de Caringô e eles não se incomodam não, até acham graça, mas eles sabe pescar lula, eles não sabem preparar o material pra pegar outro peixe, então, eu considero eles matador de peixe, compra tudo pronto, hoje tem camarão artificial, tem lula artificial, tem tudo, então eles pegam o peixe igual eu pegaria, mas esse estilo de jogar e puxar eles não sabem, eles não aprenderam hoje, e não vão aprender nunca, o Cabista que sabe fazer isso não ensina pra ele não!. (Relato do Mestre Chonca, 2018)

O comentário aponta uma tensão sobre a identidade da pesca. A partir da fala do Chonca, é o Cabista o pescador legítimo, e, por isso, o migrante não partilha com os nativos a identidade de pescador, também devemos lembrar dos conflitos históricos entre os pescadores da Praia Grande e da Praia dos Anjos. Diante dessa perspectiva, podemos conjecturar como essas diferenciações atualmente podem fortalecer as rixas e divisões nos diálogos e nas decisões sobre os usos do território pesqueiro de Arraial do Cabo. Não é à toa que, ao dialogar com pesquisadores da área, ouvimos que a classe é extremamente desunida.

Além das diferenças próprias existentes entre os pescadores, entendemos que a burocratização das atividades da pesca se tornou mais uma fonte de divisões e conflitos em Arraial do Cabo. Como veremos mais adiante.

Tô lutando pelo defeso e não consigo, é muita burocracia, sempre tem um problema, sai para um e para outros não, esse é o meu caso. (...) eu sou categoria "A", ela tem seus benefícios, mas eu ainda não pude possuir o benefício porque é muita burocracia, tem que passar por outras coisas, e eu tive que para de trabalhar porque fiquei sem barco, eu trabalho para outra pessoa, a pessoa vende o barco a gente fica sempre a mão atrás, só precisa de você por ser um pescador profissional, mas o cara vende o barco e você fica sem nada, sem carteira assinada, sem nada. (Relato do Boníssimo, 2018)

Boníssimo, filho do Seu Doque, é o nosso terceiro pescador entrevistado. Os pescadores que aparecem nos primeiros capítulos, mesmo que ainda possuam ligações com a pesca, não vão mais ao mar pescar por conta da idade avançada. Em seus depoimentos, há sempre apontamentos acerca das outras gerações de pescadores, sobre diferenças e modos de pescar, por isso, buscamos entrevistar um pescador mais jovem, que ainda pesca, a fim de nos aproximarmos mais da pesca atual. A partir da fala do Boníssimo, observamos as fragilidades que envolvem essas

medidas assistencialistas. Não somente nesse momento, mas também em outros, ele comentou sobre a dificuldade em conseguir seus direitos pelo excesso de burocracia, pela demora e até mesmo pela falta de respostas. Nesse sentido, entendemos toda a frustração e desânimo relatados por ele, que, na categoria de pescador, compete com o turismo nas praias, com barcos grandes com diversos aparelhos que auxiliam na pesca, com técnicas proibidas que são utilizadas na Prainha como ele nos contou em relação a rede de arrastão. E além de tudo isso, recebe da colônia o pedido de voltar semana que vem para saber de sua “papelada sobre a aposentadoria”, enquanto vê “parceiros” recebendo auxílios que ele não recebeu.

A fim de compreender a organização da pesca atualmente, consultamos o jornal do cadastro de dezembro de 2013. O documento foi bem importante nesse sentido porque, grosso modo, explicava quem poderia e como poderia utilizar a RESEXMAR. No jornal encontramos uma propaganda que tratava o cadastramento como uma necessidade indispensável para a pesca;



Imagem 3: Cadastro obrigatório para o pescador

Essa forma de gestão do espaço pesqueiro é bastante recente na história da pesca. Entendemos que, para trabalhar com a pesca hoje, não basta possuir o saber, a herança da pesca não é suficiente, pois, agora, existe uma regulação burocrática. Os pescadores obrigatoriamente devem se cadastrar, e, assim, receber sua classificação dentro das categorias “A”, “B” e “C”. Antes de explicar em que consistem essas categorias, separamos um importante trecho do jornal do cadastro para elucidar melhor essa questão:

■ **As lideranças de todas as Associações de Pesca da RESEXMAR-Arraial do Cabo, durante 4 meses, foram os principais responsáveis pela classificação, inclusão ou exclusão dos cadastrados nas categorias A, B ou C. Nos próximos dias 14 e 16 de janeiro de 2014, todo o Cadastro será submetido à Consulta Pública. Após as reuniões, será estabelecido período para manifestações de defesa, caso seja identificado algum equívoco na categoria disposta – ver formulário apropriado na página 20. Após este período, o Cadastro dos Beneficiários será homologado pelo Conselho Deliberativo da RESEXMAR Arraial do Cabo. Atenda ao convite impresso neste jornal, compareça às reuniões e participe você também deste importante momento de nossa Reserva. Na foto: Eraldo Teixeira da Cunha (AREMAC), Claudio Molinari (APAC), José Maria Fernandes de carvalho (APATAC), Ubirajara José da Silva (ABTEPAC), Claudio Elir (AVPTBA-AC), Laercio da Costa Mariano (AMAREC) e Viviane Lasmarr (ICMBio). Também participaram da análise dos cadastros: Micilene dos Santos Rodrigues (Colônia de Pescadores Z-05/AC), Raimundo Nonato Sobrinho (APAC), Evanildo Azeredo Sena (ACRIMAC/RJ), Rogério Barreto dos Santos (APESCARPA), Antonio Barreto Martins (APAPP), Amilton da Silva Monteiro (APESCAC), Marlon Nascimento Fonseca (RCPP), Fernando César Ferreira de Souza (UEPA/RJ), Adriana F. Trinta (ICMBio).**



Imagem 4: Reunião do conselho deliberativo da RESEXMAR

Como se observa, primeiro os pescadores fazem o cadastro, depois são classificados pelas lideranças da RESEXMAR, e então passam pela consulta pública que expõe seus rostos e respectivas categorias de uso da RESEXMAR, a fim de identificar possíveis incongruências. Ao final do jornal encontramos um formulário de consulta pública, onde se pode contribuir para a identificação de pescadores que não foram cadastrados, assim como discordar da categoria de alguém que esteja faltando com a “verdade” em relação à sua forma de uso da RESEXMAR.

As categorias “A”, “B” e “C” se referem a níveis de uso da RESEXMAR e à relação com a pesca. Na categoria “A”, o pescador profissional extrativista tradicional tem sua renda baseada exclusivamente da pesca e, em momentos em que, nas palavras do Mestre Chonca a “pesca não tá dando”, ele trabalha temporariamente em alguma outra atividade. Na categoria “B”, o pescador extrativista tradicional tem na pesca um complemento de sua renda e, por isso, pesca rotineiramente mas tem outra fonte de renda fixa. Na categoria “C”, o pescador é amador e pesca por lazer, ele não tem direito a comercializar seu pescado e também tem uma quantidade limitada de peixes para pescar.

Percebemos que, em Arraial do Cabo, existe um verdadeiro mar de disputas e diferenciações relacionadas ao mundo da pesca. Além dessas categorias, existem as organizações de pescadores, de moradores, do turismo e outras instituições que possuem interesses distintos e, por isso, e confrontam ao buscar organizar os usos da RESEXMAR, do território da pesca.

Diante de tanta burocracia, enxergamos na fala do pescador o descontentamento com todo esse aparato e as incertezas características do trabalho na acumulação flexível<sup>17</sup>;

A colônia é um órgão que não precisa ter AREMAC nem a PIPAC porque ela tá ali pra resolver o problema do pescador, porque quando vem esses órgãos atrapalha. A colônia em si é toda desorganizada, como o pescador vai pescar se a colônia não pega os dados dele? Aí o pescador não volta, onde vai procurar?

... de vez em quando eu vou de freelancer porque o barco vem, a gente vai, nada certo, eu vou amanhã, no outro dia eu não vou... Porque falta um dos parceiros aí a gente vai. Não era assim não há anos atrás. (Relato do Boníssimo, 2018)

Ao falar dos barcos de fora que usam redes proibidas próximo à Praia, Boníssimo completa a fala repleta insatisfação;

(...) por exemplo o arrastão tem limite de passar certas milhas, mas eles não obedecem, eles prejudicam o nosso barco e atrapalha muita coisa, eles espantam o peixe, eles pegam muita comedorzinha e sem essa comedorzinha o peixe se ausenta, além de matar eles soltam tudo, passou um arrastão e deixou uma boiada enorme, muita coisa, aqui tem fiscalização mas não funciona. (...) por isso, a gente tem que procurar outra coisa para fazer, porque não tá legal, além de trabalhar para os outros tem isso aí. (Relato do Boníssimo, 2018)

A vivência do Boníssimo nos revela as fragilidades da RESEXMAR. A fiscalização ineficaz culmina em barcos utilizando técnicas proibidas. Esse problema afeta tanto os ciclos de reprodução dos peixes como a pesca artesanal na Praia. Nessa fala, podemos refletir sobre as brechas na RESEX e as necessidades de tomada de decisão para acabar com essas ações que afetam à vida marinha e o pescador.

Falar de RESEXMAR através da perspectiva da preservação do ambiente marinho é interessante para a cidade vendida como “Caribe brasileiro”. Entretanto, à construção e efetivação das regras de uso da reserva por parte dos pescadores é complexa e problemática. Além disso, entendemos que burocratização em certo ponto fragiliza ainda mais as relações entre os pescadores, e essa é uma característica forte e gritante observada em tudo relacionado à RESEXMAR. Ao pesquisar, percebemos que falta informação, falta esclarecimento e, nesse descompasso, o pescador segue como o elo mais fraco da corda.

---

<sup>17</sup> Apóia-se na flexibilidade dos padrões de trabalho. As jornadas de trabalho, as funções e os salários não são bem definidos, mas, altamente variáveis e incertos, causando à massa de trabalhadores forte sentimentos de ansiedade e insegurança atrelados à esses padrões de trabalho instáveis. (HARVEY, 2013)

Mesmo com tantas dificuldades, Boníssimo segue resistindo, fazendo de seu cotidiano um mar de resistências. Ele almeja ter seu próprio barco de boca aberta, e ainda nos disse que, mesmo com tudo, não tem arrependimento da pesca. Parece que a “cegueira do mar” passou de pai para filho.

### **3.2 Trabalhadoras e trabalhadores do mar: cotidiano e resistência**

“Analisar a vida cotidiana é compreender a autonomia do indivíduo em suas múltiplas formas de inventar estratégias para a sua sobrevivência”. (BAVARESCO, 2010 p. 97)

Diante de tantas relações que as comunidades humanas podem estabelecer com o mar, entendemos que os trabalhadores e trabalhadoras do mar são mulheres e homens que possuem sua fonte de remuneração através de atividades ligadas ao mar (de forma objetiva e/ou simbólica). Nesse sentido, temos na figura do pescador a maior representação do trabalhador do mar. Em alguns livros lemos “homens do mar”, mas tratamos aqui como trabalhadoras e trabalhadores do mar outros sujeitos além dos pescadores artesanais.

Como trabalhadoras e trabalhadores do mar, podemos identificar muitos indivíduos se remunerando em diversas atividades, por exemplo; o sujeito que constrói miniaturas de barcos e utiliza a identidade do lugar associada à pesca para vender seu artesanato. O pescador que complementa a sua renda utilizando seu barco para fazer passeios turísticos na alta temporada. E ainda mulheres que produzem brincos com escamas de peixes. Todos eles são trabalhadores e trabalhadoras do mar, pessoas que usam contextos da realidade vivida no cotidiano como tática de sobrevivência e, é justamente nesse ponto que identificamos as resistências.

Arraial do Cabo se expressa como um lugar de pesca. A materialidade da história sob a qual a cidade se constrói propicia essas táticas de sobrevivência. Por isso, enquanto existir peixe e mar, Arraial do Cabo contará com esses significativos elementos que convergem para o cultivo da pesca. Não estamos negligenciando os problemas apontados pelos pescadores entrevistados, ou mesmo negando as

afirmações muitas vezes repetidas de que a pesca iria acabar. Nossa intenção é mostrar que, a despeito dessas proposições, existe um movimento criativo que, nesse cotidiano problemático e cheio de conflitos, inspira fundo e se ergue em outras atividades sem romper o vínculo com o mar.

Essa invenção do cotidiano se dá graças ao que Certeau chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um. Ele acredita nas possibilidades de a multidão anônima abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais, numa liberdade em que cada um procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a violência das coisas. (DURAN, 2007 p.119)

Os indivíduos são ativos e, através de suas práticas, de suas táticas de sobrevivência, constroem espaços de resistência. Por isso, é no cotidiano que observamos os espaços de resistência. Poderíamos escrever um livro falando da produção desses espaços de resistência e dessa capacidade humana inventiva de construir táticas de sobrevivência. Entretanto, no momento não dispomos de tanto tempo e recursos para tal feito.

Nesse mar de possibilidades a serem exploradas, vamos nos aventurar a molhar os pés. Para melhor elucidar essa perspectiva de cotidiano e resistência, vamos comentar a realidade de alguns trabalhadores e trabalhadoras do mar que no decorrer da pesquisa, nos aproximamos de alguma maneira.

(...) é uma coisa que até hoje eu tenho como uma sobrevivência, é inexplicável você sair e colocar uma isca em no anzol, a ansiedade é tão grande de cerrar o peixe, se você cerrar tudo bem, se você não cerrar tudo bem, eu vou voltar outro dia e cerrar esse peixe. (Relato do Boníssimo, 2018)

Na última visita que fizemos ao Seu Doque, dialogamos com um de seus filhos e não poderíamos deixar de perguntar se era ele o único dos 13 que havia contrariado o próprio pai e se enveredado para pesca. Rapidamente ele me respondeu que não deu para isso, que havia estudado. Nesse momento, vimos a pesquisa da Simone Moutinho Prado ganhar vida em nossa frente. Ainda hoje o pescador tem seu ofício desvalorizado, mas “a gana do mar” é tanta que ultrapassa as concepções pejorativas, ultrapassa as incertezas, os conflitos e decepções. Em seu cotidiano, Boníssimo resiste como trabalhador do mar.

Devido a idade avançada, Seu Doque não pesca mais. Ele diz sentir muita saudade; *“já fazem vinte anos que eu saí do mar, e eu tenho saudade do mar, meu pensamento vai tudo nesses lugares onde eu andei. Sinto um balanço mesmo, ainda sinto o gosto (...) Ainda sinto o gosto, é muito bom”*. Esse trabalhador do mar tão visivelmente apaixonado pelo que viveu faz de suas memórias uma forma de

resistência. Através dela constrói paisagens de um tempo, uma testemunha viva da história do lugar que não pode ser esquecido. Mas, para além do que se pode lembrar, como tática de sobrevivência, ele ainda produz artesanalmente redes para a pesca de Lula como podemos ver na imagem abaixo.



Imagem 5: Seu Doque fazendo rede de lula. Imagem feita pela autora em 2018

Ainda nessa perspectiva de cotidiano e resistência, perguntamos ao Mestre Chonca a opinião que tinha sobre o próprio museu;

Isso é uma lembrança que veio do passado e vai ficar pro futuro, nós não podemos esquecer que nós vivemos disso aqui, meu avô nasceu e morreu vivendo de pescaria, meu pai, meu tio, nasceu e morreu pescando, pra mim, é uma coisa que foi muito bem feito, eu queria que isso aí expandisse, crescesse. Tenho um papel com uma variedade de naufrágio de navios, mas não tá amostra, história de Arraial, acho importante que isso fosse escrito pra colocar aqui dentro. (Relato do Seu Chonca, 2018)

O Museu Mestre Chonca existe e resiste como um lugar de memória, e, assim como observamos na fala exposta acima, ele assume caráter afetivo. O Museu fica no canto da Praia Grande. Essa praia é bastante explorada pelo turismo, por isso, esse espaço de lembranças se ergue também como uma forma de resistência trazendo à memória a expressiva pesca de canoa. Além disso, Mestre Chonca faz reparo em canoas, faz canoas em miniatura e atende pessoas interessadas em conhecer a história da pesca e do Arraial.

Nas imagens abaixo vemos Mestre Chonca em seu Museu à esquerda observamos as ferramentas de trabalho usadas na carpintaria naval e, a direita, ele segura uma de suas miniaturas de canoas.



Imagem 6: Museu Mestre Chonca  
Foto feita pela autora



Imagem 7: Mestre Chonca  
Foto feita pela autora

Além desse lugar de memória, na Praia Grande existe também a Cooperativa de Mulheres Nativas, criada desde 2013. Essa cooperativa possui uma dinâmica muito interessante. Formada por 22 mulheres o grupo resgata o contato com a restinga, elas produzem mudas endêmicas, vão ao mar pescar e utilizam o pescado como base para a produção de diversos alimentos, almôndegas, *nuggets*, *fishburger* e o quibe de peixe. Esses produtos são embalados a vácuo para serem armazenados com segurança.

Muitas reportagens feitas com essas mulheres da cooperativa apontam o preconceito e discriminação sofridos por elas pelo simples fato de serem mulheres e construir essa relação com o mar.

Pescamos sempre no costão da praia. No começo, quando chegávamos de barco, os homens sempre xingavam, mandavam irmos lavar uma roupa. Depois de muita briga, conseguimos uma cadeira de suplente na Resex — conta Zenilda Maria da Silva, presidente da cooperativa. (Jornal O globo, 28/09/2016)



Imagem 8: Cooperativa de Mulheres Nativas  
Foto: Luiz Ackermann / Agência O Globo



Imagem 9: Beneficiamento do pescado  
Foto: Panfleto de divulgação da cooperativa de mulheres nativas.

A despeito do machismo que existe, essas mulheres utilizam os elementos de sua realidade cotidiana para construir táticas de sobrevivência. Essa resistência não somente valoriza a cultura da pesca e a identidade do lugar, mas também contribui para a luta pela igualdade entre os gêneros quando, atravessam lugares historicamente proibidos para as mulheres, e ultrapassam perspectivas reacionárias que impedem a liberdade de ser do gênero feminino.

Nesse sentido, outra cooperativa, *Salga, Sol e Arte* se articula na Prainha. Essa cooperativa trabalha com o resgate da cultura local através do beneficiamento do pescado com salga do peixe e da produção de artesanato associado a elementos comuns do cotidiano vivido no Cabo. Elas utilizam conchas, cascas de marisco, escamas de peixe. No documentário *Fonte: Documentário Salga, Sol e Arte - Um relato de Luta - Observatório Arraial do Cabo*, Cleusinha que é uma das mulheres dessa cooperativa, diz, "trabalho e renda, hoje nos vemos a cooperativa com esse ângulo, a cooperativa é uma porta de esperança para as famílias". Ou seja, essa cooperativa é um meio de relembrar os costumes locais, mas também de subsistência para as essas mulheres.



Imagem 10: Beneficiamento do pescado através da salga



Imagem 11: Produção de artesanato com elementos que vem do mar.

Fonte das imagens 10 e 11: Documentário Salga, Sol e Arte - Um relato de Luta - Observatório Arraial do Cabo.

Na cidade existem diversas cooperativas, muitas trabalhadoras e trabalhadores do mar construindo táticas de sobrevivência a partir da realidade experienciadas no cotidiano, no contato com o mar. Essas atividades e práticas, tanto as que possuem fins econômicos quanto as que não possuem essa finalidade, são uma forma de resistência e produção da identidade deles, e do lugar. A partir dos próprios sujeitos, das relações sociais construídas por eles, concluímos que Arraial do Cabo se expressa como um lugar de pesca.

## Considerações finais

O desenvolvimento da presente pesquisa nos possibilitou esboçar o desenho de uma paisagem histórica, através da história oral passeamos por um cotidiano socioespacial vivido até meados do século XX, esse cotidiano era atravessado e organizado pela pesca. Nosso contato com a pesca de outrora, através das memórias dos pescadores que entrevistamos, nos mostrou uma cultura rica de saberes, práticas e costumes.

Através da literatura e das memórias dos pescadores entrevistados caracterizamos o que chamamos de Meio de vida pesqueiro Cabista, e, no decorrer da pesquisa percebemos a grande aproximação que existia entre esse Meio de vida específico com o meio de vida caipira descrito por Antônio Cândido no livro “*os parceiros do Rio Bonito*”. Nesse sentido, concluímos que a comunidade e o próprio lugar assumiam características rústicas se aproximando assim do meio de vida caipira. Devido ao isolamento geográfico que a vila do Arraial possuía as táticas de sobrevivência construídas pela comunidade local se preservaram, enquanto a urbanização já acontecia em diversas cidades do Rio de Janeiro, no Cabo o cotidiano que se desenrolava era rural.

Com a chegada e estabelecimento da CNA muitos processos de mudança passaram a ocorrer no lugar. Junto da CNA, também se observou a tomada do espaço pelo turismo, e, associado a esses dois elementos Arraial passou a sofrer um grande “boom migratório”. Essa confluência de fatores foram essencialmente significativas para a desarticulação do Meio de vida pesqueiro Cabista, que, como uma anomalia no tempo não se adequava aos formatos desejados pelo mundo moderno. Diante dos ideais da modernidade, a comunidade Cabista teve sua forma de viver inferiorizada. Os saberes da comunidade, como vimos no primeiro capítulo, são complexos, práticos e eficazes no cotidiano, pois em resumo se trata do conhecimento do tempo local, dos elementos da restinga, do mar e de técnicas para a produção de ferramentas e para capturar os peixes. Esses saberes foram tratados como uma etapa atrasada do desenvolvimento humano frente ao conhecimento que se apresentava como civilizado, símbolo do desenvolvimento.

Identificamos a efervescência em torno do mar Cabista como uma herança histórica. Entretanto, os costume atrelados a ele não foram barreira para as injunções de mudanças que ocorreram na virada do século. E, por isso, de fato, a modernidade atravessou e rachou o meio de vida pesqueiro que caracterizamos no primeiro capítulo. Apesar disso, a efervescência não acabou, a pesca não acabou, Arraial

do Cabo não deixou de ser um lugar de pesca, pois, as relações afetivas estabelecidas com o lugar, as memórias dos sujeitos, as práticas materiais e objetivas realizadas em Arraial do Cabo pelos trabalhadores e trabalhadoras do mar continuam reafirmando-o como um lugar de pesca.

Para nós, a Pesca, as relações humanas construídas em torno do mar e a cidade de Arraial do Cabo são coisas muito complexas, e todas elas juntas se complexificam ainda mais. A reflexão sobre os espaços de resistência construídos através das táticas de sobrevivência dos trabalhadores e trabalhadoras do mar foram pouco aprofundadas, acreditamos seria interessante mergulhar profundo nesse contexto em trabalhos futuros, pois existe muita materialidade para ser conhecida. Porém, até onde fomos, através das memórias, da história oral de vida e do cotidiano, entendemos que são as resistências que ainda fazem de Arraial um lugar de pesca.

Ao refletir sobre as problemáticas apresentadas pelos pescadores anciãos, percebemos a grande preocupação com os rumos da pesca Artesanal em Arraial do Cabo. Nossos entrevistados muitas vezes falaram sobre o fim da pesca, entretanto, na ausência de certezas para partilhar dessa expectativa, preferimos lançar nossas conclusões às certezas que possuímos; quanto mais adentramos nesse oceano de informações e vivências, mais questões se levantam. Nesse sentido, com água pelos tornozelos, podemos afirmar apenas que não sabemos os rumos da pesca Artesanal em Arraial do Cabo. E, até agora os trabalhadores e trabalhadoras do mar tem, através de suas práticas produtivas, regatado costumes e reinventado as relações socioespaciais em prol de sua sobrevivência.

Quando apontamos as táticas de vida como exemplo de resistência e resgate de costumes, não estamos nos apoiando nesses exemplos para afirmar que a pesca vai “muito bem” e que os trabalhadores e trabalhadoras do mar são ótimos empreendedores e, por isso, o sucesso econômico de suas empreitadas só depende de seus esforços pessoais. Concluimos que, as pessoas criam táticas de vida por conta do cotidiano duro, e, por isso mesmo, colocamos essas táticas de vida como resistência, resistir nesse sentido é sobreviver!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIN, Júlia. *Grupo de pescadoras cria cooperativa em Arraial do Cabo. Peixe e lula pescados por elas viram hambúrgueres, quibes, almôndegas e empanados*. O globo 28/09/2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/grupo-de-pescadoras-cria-cooperativa-em-arraial-do-cabo-20167363>> acesso em 20 nov 2018.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. *O indivíduo Urbano: Cotidiano, resistência e políticas públicas em pequenas cidades do oeste de Santa Catarina*. São Leopoldo/Rs, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4595/68c.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> acesso em 20 nov 2018

BRASIL, *Atlas do desenvolvimento humano*. Disponível em: <[http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/arraial-do-cabo\\_rj](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/arraial-do-cabo_rj)>. Acesso em 24 nov 2017.

BRASIL, IBAMA. *PORTARIA IBAMA Nº 17-N, DE 18 DE FEVEREIRO DE 1999*. Disponível em: <[http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Portaria/1999/p\\_ibama\\_17\\_n\\_1999\\_planoutilizacaoresexarraialdocabo\\_rj.pdf](http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Portaria/1999/p_ibama_17_n_1999_planoutilizacaoresexarraialdocabo_rj.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2018.

BRASIL, ICMBio. *PORTARIA DE CRIAÇÃO DO CONSELHO DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO*. Diário oficial da União. Nº 168, quarta-feira, 1 de setembro de 2010. Disponível em < [http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/portarias/resex\\_arraial\\_do\\_cabo.pdf](http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/portarias/resex_arraial_do_cabo.pdf)> acesso em 20/22/2018.

BRASIL, ICMBio. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/resex-marinha-do-arraial-do-cabo>>. Acesso em 20 nov 2017

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/arraial-do-cabo/panorama>>. Acesso em 24 nov 2017.

BRASIL, Jornal do cadastro. Dezembro de 2013

BRASIL, Presidência da República. *DECRETO DE 3 DE JANEIRO DE 1997*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/DNN/Anterior%20a%202000/1997/Dnn5025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/Anterior%20a%202000/1997/Dnn5025.htm)>. Acesso em: 22 nov. 2018.

BRANDÃO, Rodrigues Carlos. *O que é educação*. Disponível em: <<http://www.febac.edu.br/site/images/biblioteca/livros/O%20Que%20e%20Educacao%20-%20Carlos%20Rodrigues%20Brandao.pdf>> acesso em: 20 jul 2018

BRITTO, Rosyan Campos de Caldas. *Modernidade e Tradição: Construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo/Rj*. Niterói: EdUFF, 1999.

CARRIÇO, Fernanda. *Cooperativa de Mulheres Nativas finca bandeira na pesca de Arraial Grupo movimenta a economia local produzindo iguarias de peixe e mudas de plantas da restinga*. Folha Lagos Publicado em 29/10/2016. Disponível em: <<http://www.folhadoslago.com/geral/economia/cooperativa-de-mulheres-nativas-finca-bandeira-na-pesca-de-arraial>> acesso em 20 nov 2018

CAVALCANT, Lana de Souza. *A geografia e a realidade escolar contemporânea: Avanços, caminhos, alternativas*. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>> Acesso em 10/10/2018.

CHRISTOVÃO, João H. de Oliveira. *Cabo Frio: transformações urbanas e construção de identidades na virada da 1ª para a 2ª metade do século XX*. XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[Http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276813535\\_ARQUIVO\\_TextoparaaANPUHJoao.pdf](Http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276813535_ARQUIVO_TextoparaaANPUHJoao.pdf)>. Acesso em 26 de Nov 2017.

- CUNHA, Lucia Helena de Oliveira. *Ordens e desordens socioambientais saberes tradicionais em dinâmicas pesqueiras da costa Paranaense*. Curitiba, 2007.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *A pesca construindo sociedades*. São Paulo: NUPAUB, 2004.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *Cultura marítima, conhecimento e manejo tradicionais na RESEX marinha de Arraial do Cabo*. São Paulo: NUPAUB, 2007.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. Editora Ática. São Paulo, 1983.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *As redes do suor. A reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba*. Niterói: EduFF, 1999.
- DURAN; Marília Claret Geraes. *Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau*. Diálogo Educ., Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.
- FERREIRA, Maria Aparecida Gomes. *Entre redes de discursos e de pesca: performances narrativas de mulheres pescadoras em Arraial do Cabo*. Rio de Janeiro, 2016.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.235-278, 2004.
- HANSSEN, Guttorm. *Cabo Frio: Dos Tamoios à Álcális*. Rio de Janeiro: Achimé, 1988.
- Harvey, David. *Condição pós-moderna, uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo Edições Loyola 24ª edição, 2013.
- HOBBSAWM, Eric. *A Invenção das Tradições*. Editora Paz & Terra; 2ª edição 2012.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MESQUITA, João Lara. *Resex Arraial do Cabo, Rio de Janeiro*. 2015. Disponível em: <<https://marsemfim.com.br/resex-arraial-cabo/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- LIMA, Patrícia A. B. de Oliveira. *A atividade pesqueira em Arraial do Cabo: uma avaliação de sua importância para a gestão do território*. Dissertação (mestrado em ciências) - Programa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFRJ. Rio de Janeiro, 1993.
- MARX; Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. Editora Martins fontes 2ª edição. São Paulo, 2001.
- MENDONÇA, F. Molica; VALLE, R. de A. Bastos do; COUTINHO, Ricardo. *A cadeia produtiva da pesca artesanal em Arraial do Cabo: análise e propostas de melhoria*. XXX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2010\\_TN\\_STO\\_113\\_739\\_16523.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2010_TN_STO_113_739_16523.pdf)> Acesso em 10 jul 2017.
- MORENO, Larissa Tavares; CARVALHAL Marcelo Dornelis. *Trabalhadores do mar: uma discussão sobre as transformações do trabalho do pescador artesanal de Ubatuba/Sp*. Revista Pegada, São Paulo, vol. 14, p. 139-163, Jul 2013.
- NORA, Pierre. *Entre a memória e história, a problemática dos lugares*. São Paulo 1993
- OLIVEIA, Naia; BARCELLOS, Tanya M. de. *O uso capitalista do solo urbano: notas para discussão*. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, 131-135, 1889.
- OLIVEIRA, Olga M. B. Aguiar de; SILVA, Vera Lúcia. *O Processo de Industrialização do Setor Pesqueiro e a Desestruturação da Pesca Artesanal no Brasil a partir do Código de Pesca de 1967*. UFSC, Florianópolis, n. 65, p. 329-357, dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/2177-7055.2012v33n65p329>>. Acesso em 20 nov 2017.

OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/z439n>>. Acesso em 23 de Nov 2017.

PEREIRA, Walter Luiz Carneiro de Mattos. *Cabo das tormentas e vagas da modernidade: uma história da companhia nacional de Álcalis e seus trabalhadores Cabo frio (1943 – 1964)*. Arraial do Cabo. Niterói, 2009

PRADO, Simone Moutinho. *Da anchova ao salário mínimo: uma etnografia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo*. Niterói: Eduff, 2002.

PESCARTE. Disponível em: <<http://pea-bc.ibp.org.br/index.php?view=projeto-apresentacao&id=6>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

SAMPAIO, Priscila Barreto. *Mar de conflitos: as diferentes formas de organização política dos pescadores “artesanais”*. Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em desenvolvimento, agricultura e sociedade, CPDA. Rio de Janeiro, 2006.

Santos, A. C. A. (2000). *Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história*. Revista Via Atlântica, 4, 1-10.

SILVA, Catia Antonia da. *Pescadores artesanais e território: possibilidades e limites ao acesso aos direitos sociais e políticas públicas*. VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, Vitória, 2014.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. *Método história oral de vida*. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

TRENKLE, Nobert. O que é o valor, 1998. Universidade de Viena. Disponível em: <<http://grupokrisis2003.blogspot.com/2009/08/norbert-trenkle-o-que-e-o-valor.html>> acesso em 22 dez 2018

VINCO, Jefferson de Oliveira. *A Cidade Histórica na Pós-Modernidade: A produção urbana para o consumo visual – olhares sobre Paraty e a Flip*. Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2017.